

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE MÚSICA – LICENCIATURA**

MARIANA CABRAL NOGUEIRA GONÇALVES

**MÚSICA E DANÇA TRADICIONAL TERENA NA PERSPECTIVA DE UMA
ALUNA DA UFMS**

**CAMPO GRANDE - MS
2023**

MARIANA CABRAL NOGUEIRA GONÇALVES

MÚSICA E DANÇA TRADICIONAL TERENA NA PERSPECTIVA DE UMA
ALUNA DA UFMS

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao Curso de Música –
Licenciatura da Universidade Federal de
Mato Grosso do Sul como requisito parcial
para obtenção de título de licenciado/a em
Música.

Modalidade: Monografia

Orientador: Prof. Dr. Evandro Rodrigues
Higa

CAMPO GRANDE
2023



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



**ATA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM MÚSICA - LICENCIATURA**

Às 18 horas do dia 17 do mês de novembro do ano de dois mil e vinte e três, na Sala 5 do Curso de Música da UFMS, a estudante MARIANA CABRAL NOGUEIRA GONÇALVES apresentou o Trabalho de Conclusão Curso (TCC), na modalidade Monografia intitulado "**Música e dança tradicional Terena na perspectiva de uma aluna da UFMS**", sob a orientação do professor Evandro Rodrigues Higa, como parte da exigência para conclusão do Curso de Música - Licenciatura. Após a avaliação da banca composta pelos seguintes membros: Evandro Rodrigues Higa (orientador e presidente), Mariana de Araújo Stocchero (membro 1) e William Teixeira da Silva (membro 2), considerou-se a estudante **aprovada**:

RESULTADO FINAL

Aprovada

Reprovada

Profº Drº Evandro Rodrigues Higa (presidente)

Profª Drª Mariana de Araújo Stocchero (membro)

Profº Drº William Teixeira da Silva (membro)

Campo Grande, 17 de novembro de 2023.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Evandro Rodrigues Higa, Professor do Magisterio Superior**, em 22/11/2023, às 09:56, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **William Teixeira da Silva, Professor do Magisterio Superior**, em 22/11/2023, às 10:15, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Mariana de Araujo Stocchero, Professora do Magistério Superior**, em 22/11/2023, às 23:09, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Mariana Cabral Nogueira Gonçalves, Usuário Externo**, em 30/11/2023, às 17:07, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4459444** e o código CRC **3D095350**.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Av Costa e Silva, s/nº - Cidade Universitária

Fone:

CEP 79070-900 - Campo Grande - MS

Agradecimentos:

Primeiramente, expresso minha profunda gratidão a Deus e aos encantados que iluminaram minha trajetória ao longo deste trabalho de descobertas e reflexões fundamentais. À minha amada família, minha mãe Mirian, meu pai Brito e minha irmã Emanuela, dedico especial reconhecimento por serem meu apoio constante, meu refúgio e meu pilar. Sem a presença e o suporte de vocês, esta jornada seria incompleta. Ao meu professor William Teixeira, que não só me ajudou a superar desafios, mas também me incentivou incansavelmente a perseverar em meus planos e sonhos no campo musical. Sua amizade e apoio foram indispensáveis. Ao dedicado professor e orientador Evandro Higa, minha sincera gratidão por acolher-me durante este percurso acadêmico, ouvir pacientemente todas as minhas dúvidas, angústias e celebrar minhas conquistas. Sua orientação foi crucial para o sucesso deste trabalho. Agradeço de coração ao meu amigo e parente Cerizi, da aldeia Bananal, por ser a primeira pessoa a me auxiliar nesta busca pela minha cultura. Sua paciência ao ensinar e sua calma em respeitar meu processo de aprendizado e vivências foram inestimáveis. Ao meu amigo Douglas, também Terena e estudante da UFMS, agradeço por seu acolhimento, por apresentar-me ao Rede Saberes da UFMS e por auxiliar-me em diversas questões relacionadas à cultura do povo Terena. Sua colaboração foi crucial para ampliar minha compreensão. A cada pessoa que contribuiu para esta jornada, minha imensa gratidão. Aprendi com todos de maneira leve e enriquecedora, e esta conquista não seria possível sem o apoio e a colaboração de cada um de vocês. Obrigada.

LISTA DE FIGURAS:

Figura 1: Árvores no Horto Florestal de Campo Grande

Figura 2: Mirian (minha mãe) Brito (meu pai) Mariana (eu quando era bebê)

Figura 3: Mariana (eu quando era criança)

Figura 4: Severino (meu avô) e Brito (meu pai) - pai e avô pescando

Figura 5: Tocando bateria em um congresso unificado na Assembléia de Deus Missoes

Figura 6: Tocando bateria no grupo de louvor, quando comecei a ter mais autonomia

Figura 7: Minha irmã Emanuela iniciando no grupo de louvor

Figura 8: Participação do Lapebá na Semana Mais Cultura na UFMS

Figura 9: Participação do Lapebá no Festival de Música em Dourados

Figura 10: Minha primeira peça solo na UFMS como estudante

Figura 11: Primeira apresentação na Banda Sinfônica UFMS

Figura 12: Tocando bateria no festival de música só para mulheres em Campo Grande

Figura 13: Trabalhando como vistoriadora veicular na pandemia

Figura 14: Apresentação dos projetos artísticos no curso de música e tecnologia (MUSITEC) - participei como bolsista e artista sonora

Figura 15: Meu retorno para aldeia Passarinho - registro no exato momento que cheguei

Figura 16: Primeiro dia no Programa Cidadania Viva

Figura 17: Minha primeira palestra em uma escola pública falando sobre a cultura do povo Terena, representando o Programa Cidadania Viva

Figura 18: Meus pais no dia do troço na UFMS - comemorando a conquista de passar no vestibular

Figura 19: Meu pai, eu, Suelver, Adenilson e Andrey (que são bolsistas do Programa Cidadania Viva) indo para aldeia Limão Verde

Figura 20: Hihi - comida típica da cultura Terena

Figura 21: Registro no Morro Vígina na aldeia Limão Verde

Figura 22: Foto tirada por Yaña Terena (comunicadora da Assembleia Terena) registro do Encontro da Juventude Terena de MS 2023

Figura 23: Foto tirada por Yaña Terena (comunicadora da Assembleia Terena) registro do Encontro da Juventude Terena de MS 2023

Figura 24: Foto registrada pela organização do ENEI 2022 em Campinas

Figura 25: Foto do meu caderno de anotações do Enei 2022 em Campinas

Figura 26: Registro do grupo de estudantes indígenas que participaram do Estudo de Caso Sistemiq no ENEI 2022

Figura 27: Capa do meu Estudo de Caso – Sistemiq

Figura 28: Proposta do estudo de caso pela propria Sistemiq

Figura 29: Meu slide com os criterios da proposta

Figura 30: Eu apresentando trabalho no ENEI 2023 na Paraíba

Figura 31: Foto de todos os estudantes indígenas do MS que apresentaram pesquisa no ENEI 2023

Figura 32: Gabriela Terena fazendo um grafismo feminino tradicional terena no meu rosto

Figura 33: Foto de divulgação do Abril Indígena Universitario, que reuniu todos os acadêmicos indígenas que estudam na UFMS

Figura 34: Foto da minha primeira apresentação com o grupo de dança tradicional Terena da região de Aquidauana

Figura 35: Foto da minha primeira apresentação com o grupo de dança tradicional Terena da região de Aquidauna - momento do Cooho

Resumo: Esta monografia investiga a dança e música tradicional terena, centrando-se na perspectiva de uma estudante da UFMS, cujo objetivo é mostrar a realidade e desafios inerentes às camadas de construção identitária, considerando a construção identitária como mulher indígena e musicista. A metodologia adotada é a autoetnografia, na qual o pesquisador analisa de forma crítica sua própria trajetória, visando mapear a gestão das relações e das desigualdades raciais na esfera universitária. O pesquisador, atuando como sujeito da experiência, assume o papel analítico de objeto de observação, conferindo uma perspectiva única sobre a dinâmica entre identidade cultural, ambiente acadêmico e as adversidades enfrentadas por estudantes indígenas. Este estudo visa contribuir para uma compreensão aprofundada das vivências étnicas no âmbito acadêmico, destacando a importância da inclusão e igualdade como elementos cruciais.

Palavras-chave: Música e dança Terena. Identidade indígena. UFMS. Licenciatura em música. Autoetnografia.

Abstract: This monograph investigates traditional Terena dance and music, focusing on the perspective of a UFMS student, whose objective is to show the reality and challenges inherent to the layers of identity construction, considering the identity construction as an indigenous woman and musician. The methodology adopted is autoethnography, in which the researcher critically analyzes his own trajectory, aiming to map the management of racial relations and inequalities in the university sphere. The researcher, acting as the subject of the experience, assumes the analytical role of object of observation, providing a unique perspective on the dynamics between cultural identity, academic environment and the adversities faced by indigenous students. This study aims to contribute to an in-depth understanding of ethnic experiences in the academic context, highlighting the importance of inclusion and equality as crucial elements.

Keywords: Terena music and dance. Indigenous identity. UFMS. Degree in music. Autoethnography.

SUMÁRIO

Introdução – p.10

1. Infância e a descoberta da música – p.14

1.a. Minha pequena floresta e meus pensamentos – p.14

1.b. Etnia Terena – p.19

1.c. Música na igreja: descobrindo sons – p.20

1.d. Buscando caminhos: chegando até a ufms – p.25

2. O acesso ao ensino superior de música – p. 30

2.a. Curso na Ufms: descobertas – p.30

2.b. 25 de novembro de 2020 – p.33

2.c. Conectando com meus ancestrais – p.34

3. Ser aluna Terena na Ufms – p. 38

3.a. Os indígenas na Ufms – Rede de Saberes, Licenciatura Intercultural Indígena de Aquidauana – p.38

3.b. Mídias como ferramenta de luta e resistência: uma jornada autoetnográfica – p.41

3.c. Programa Cidadania Viva – p.42

3.d. Documentário aldeia Limão Verde – p.44

3.e. Assembléia da Juventude terena – p.49

3.f. Enei 2022 – ancestralidade e contemporaneidade: Campinas – p.51

3.g. Enei 2023 – ti potiguara: análise da conjuntura da presença indígena no ensino superior – p.59

4. Conectando com a cultura e a música Terena – p.63

4.a. Música e dança Terena – p.63

4.b. Aldeia Bananal: meus primeiros passos como um ser transitório em territórios do povo Terena – p.65

4.c. 1o. Abril Indígena Universitário na Ufms – p.67

4.d. Híyokena kipâe com os parentes de Aquidauana – p.70

4.e. Povos indígenas no Brasil: diversidade cultural, equívocos e (r)existência – p.73

Considerações finais – p.80

Referências – p.82

Anexo: Assembléia da Juventude Terena – carta final – p.84

Introdução

Quando eu era criança, meu avô e meu pai se comunicavam em uma outra língua que eu desconhecia. Depois de um tempo comecei a entender as minhas origens e comecei ter mais contato com familiares que são indígenas da etnia Terena. Apesar de ser indígena não aldeada e não ter tanta vivência na aldeia, fui me questionando sobre o desuso da língua terena e de celebrações com cantos tradicionais.

Iniciei o ensino superior no curso de licenciatura em música na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, e, logo em seguida, no período pandêmico, as aulas começaram a ser remotas. Felizmente tive a oportunidade de participar de congressos, cursos e festivais no âmbito da música popular, seminários e outros eventos. Nesse período de aprendizagem durante a pandemia, percebi uma ausência de assuntos relacionadas a música indígena, e através deste "incômodo", comecei a buscar indícios da cultura indígena da etnia Terena na área acadêmica e encontrar outros estudantes indígenas na UFMS. Depois da pandemia, conheci a Rede Saberes e vários estudantes indígenas Terena que mobilizam ações culturais nos espaços dentro da UFMS e comecei a participar das danças da minha própria etnia e com outros parentes que estudam na universidade.

Ao escolher um tema para pesquisa de TCC, inicialmente buscamos refletir e investigar como ocorre a prática da música e dança tradicional Terena entre os alunos indígenas da UFMS, e o que a música e dança tradicional Terena significa para os alunos indígenas, documentando o processo de aprendizagem e divulgação dessa cultura dentro da UFMS. Essas práticas culturais acontecem nos espaços acadêmicos e contribuem para a visibilidade, reforço e valorização das identidades culturais indígenas entre os alunos da UFMS. Através de uma observação participante, pensamos em fazer uma etnografia com gravações de práticas musicais tradicionais Terena na UFMS e realizar entrevistas semiestruturadas com acadêmicos indígenas e docentes que contribuem positivamente para o fomento das práticas culturais no ambiente acadêmico, sabendo que, como aluna do curso de licenciatura em música e integrante da etnia Terena, a pesquisa teria um acentuado componente autoetnográfico.

Luiz Henrique Eloy Amado (2019, p.27-28) relatou a própria experiência como um estudante indígena que atuou na pesquisa de campo no âmbito da

antropologia, ressaltando a importância do protagonismo indígena na pesquisa científica devido a muitas pesquisas serem feitas por purutuye (não indígena) e ter apenas registros de pesquisadores que se apropriaram de tempo determinado apenas para ter uma credibilidade científica. Mesmo sendo um pesquisador indígena que atua na pesquisa de campo da própria cultura, o trabalho de campo é uma experiência que está sujeita a ter alterações e até mesmo se deparar com resultados inesperados. Portanto, a ideia inicial desta monografia era fazer uma pesquisa de campo dentro na universidade, especificamente nas manifestações tradicionais da música e dança do povo terena entre os estudantes indígenas.

Entretanto, por conta da complexidade da tramitação do projeto na Plataforma Brasil e no comitê de ética e o pouco tempo previsto para a conclusão do trabalho, optamos por investir em uma narrativa autoetnográfica, ressaltando a progressiva transformação que o ambiente acadêmico trouxe para a compreensão do meu papel social como cidadã e futura licenciada em educação musical.

A partir de então, minha pesquisa de graduação foi marcada por uma abordagem específica: utilizei minha própria memória e experiência como estudante indígena da etnia Terena para explorar os desafios e vivências culturais ao ingressar no ambiente acadêmico. Escolhi esse recorte como estudo de caso, buscando mapear a organização do trabalho, a inclusão do pesquisador em uma investigação, as barreiras enfrentadas e as experiências ao superar esses obstáculos, incluindo lidar com a discriminação, desigualdade e entre outros. Analisar criticamente minha própria jornada passada tornou-se uma maneira de coletar informações sobre a gestão das relações e das desigualdades raciais na vida universitária, em um contexto temporal e espacial diferente, proporcionando um contraste com o presente a ser estudado. Assim, eu, como sujeito da experiência, assumi o papel analítico de objeto de observação.

Santos (2017) enfatiza a relevância de delimitar o uso da autoetnografia a uma seção específica da pesquisa, concentrando-se na reconstrução de um cotidiano passado. Esse enfoque visa explorar os aspectos obscuros nos quais as estratégias e políticas de gestão da empresa podem propiciar lacunas, permitindo formas de discriminação. Contudo, para alcançar de maneira abrangente os objetivos da pesquisa doutoral, é imperativo complementar esse

método por meio da integração com outras técnicas de produção de evidências e construção das bases factuais. Referenciando Doloriert e Sambrook (2012) e Reed-Danahay (1997), Santos (2017) explica que a "Autoetnografia" tem suas raízes no grego: auto (self = "em si mesmo"), ethnos (nação = no sentido de "um povo ou grupo de pertencimento") e grapho (escrever = "a forma de construção da escrita").

Portanto, já no simples estudo de sua origem, a palavra evoca um método específico por sua maneira de proceder, ou seja, relaciona-se à construção de um relato ("escrever") sobre um grupo de pertencimento ("um povo"), a partir da perspectiva do próprio autor. Segundo Santos (2017), conforme citado por Chang (2008), a autoetnografia pode ser compreendida como um método estruturado em um "modelo triádico", orientado por três elementos principais. A primeira orientação é metodológica, fundamentada em abordagens etnográficas e analíticas. A segunda orientação é cultural, centrada na interpretação de fatores vividos, nas relações entre o pesquisador e os sujeitos (e objetos) da pesquisa, e nos fenômenos sociais estudados. Por fim, a terceira orientação é de conteúdo, baseada na autobiografia e em um caráter reflexivo. Essas orientações revelam a importância da reflexividade no contexto da pesquisa autoetnográfica, pois ela implica na constante consciência, avaliação e reavaliação por parte do pesquisador em relação à sua própria contribuição, influência e abordagem na pesquisa intersubjetiva, bem como nos resultados decorrentes da investigação.

O autor destaca a singularidade do método autoetnográfico, ressaltando o reconhecimento e a incorporação da experiência do pesquisador como sujeito, tanto na definição do objeto de pesquisa quanto no desenvolvimento da investigação. Esse processo envolve a utilização de recursos como memória, autobiografia e histórias de vida, considerando também os fatores relacionais que emergem durante a pesquisa, como as experiências de outros sujeitos e as barreiras decorrentes da proximidade variável com o tema escolhido. Segundo Santos (2017), é viável consolidar as diversas perspectivas sobre o tema ao compreender a autoetnografia como um método de pesquisa que: a) utiliza a experiência pessoal do pesquisador para descrever e analisar crenças culturais, práticas e vivências; b) reconhece e valoriza as relações do pesquisador com os "outros" (sujeitos da pesquisa); e c) busca uma autorreflexão profunda e cuidadosa, referida aqui como reflexividade, a fim de examinar e questionar as

interseções entre o pessoal e o político, o indivíduo e o social, o micro e o macro.

O trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro exponho recordações de infância e os primeiros encontros com a música, especialmente no ambiente da igreja. No segundo, o acesso ao curso de música da UFMS. No terceiro, uma extensa narrativa dos eventos acadêmicos voltados para o estudo e visibilidade de questões indígenas e sociais que participei e, no quarto capítulo, meu (re)encontro com a cultura musical Terena.

1. Infância e descoberta da música

1.a. Minha pequena floresta e meus pensamentos



Figura 1: Árvores no Horto Florestal de Campo Grande



Figura 2: Mirian (minha mae) Brito (meu pai) Mariana (eu quando era bebe)



Figura 3: Mariana (eu quando era criança)

Abordar a temática da infância suscita complexidades intrínsecas, pois nesse período se inicia a forja da identidade, delineando quem somos e o que estamos construindo. No meu caso, conto com vinte e quatro anos de existência, e a questão da minha identidade se apresenta como uma constante indagação. A identidade que se encontra em processo de moldagem é uma construção que envolve múltiplos atores sociais. Vale mencionar que muitas pessoas compartilham a crença de que esse processo se inicia e se cristaliza na adolescência ou mesmo na infância. Entretanto, para mim, explorar a minha infância adquire um caráter de inestimável valor. Me chamo Mariana, uma viajante de vinte e quatro anos neste vasto oceano temporal. Nasci dia 21 de abril de 1999. Minha mãe, Miriam Cabral, uma nativa de Amambai, onde a minha árvore genealógica é tecida com fios paraguaios, com meu avô, Edeil (pai da minha mãe). Por parte de meu pai, Severino Brito, traz consigo a riqueza de suas raízes indígenas e africanas. Minha avó paterna, Ana Brita, uma filha de descendentes africanos, entrelaça-se com as origens indígenas do meu avô. Uma tapeçaria de heranças e culturas. Refletir sobre a construção da identidade é uma tarefa delicada e profunda. Trata-se de um tema que abriga uma infinidade de nuances, tornando desafiador definir quem somos. A complexidade decorre da interseção de elementos étnicos, raciais e culturais em nossa trajetória. Em última análise, somos nós mesmos que devemos decidir qual caminho seguir, quais valores abraçar e quais aspectos de nossa identidade empoderar.

Nossa contemporaneidade é permeada por uma sensibilidade que integra a investigação da vida e da identidade com a natureza. Ao explorar esses temas, surge a indagação sobre qual solo nutre nossas raízes, qual espécie representamos e onde encontramos nossa força interior. Enquanto

escrevo sobre minha própria jornada, não posso deixar de perceber a íntima relação que compartilho com a natureza. Neste exato momento, ao contemplar minha infância e minha identidade, sinto-me imersa nessa conexão intrincada. A escolha de realizar essa reflexão no Horto Florestal não foi por acaso. Este é um espaço onde árvores dançam ao ritmo do vento. As diversas espécies de árvores, sejam elas imponentes ou humildes briófitas, ecoam as complexidades que alimentam nossas raízes identitárias. Cada árvore possui características distintas, algumas mais delicadas, outras resistentes a intempéries. Nesse contexto, recordo-me da samambaia, uma planta majestosa que requer cuidado, mas que anseia por um toque gentil. Em muitos aspectos, percebo paralelos entre a samambaia e nossa própria jornada. Enquanto buscamos fortalecer nossa identidade e trilhar um caminho grandioso, reconhecemos que há momentos de fragilidade que merecem ser respeitados e compreendidos.

Esse exercício de reflexão, permeado por elementos da minha infância e da minha identidade, alinha-se com minha contínua busca por compreender quem sou e de onde venho. Ao final, reconheço que a construção da identidade é uma jornada fascinante e multifacetada, onde a natureza, assim como a samambaia, oferece valiosas lições sobre resiliência, crescimento e autenticidade. Eu acredito que essa preservação não é algo que todos compreendem facilmente. No entanto, para mim, essa preservação é essencial. É a preservação de quem eu sou como indivíduo, como ser humano, e do que estou construindo na minha jornada. Não se trata de permitir que outros definam minha identidade, mas sim de reconhecer que estou enraizado em um solo fértil, que estou sendo cuidado, preservado e adaptando-me ao ambiente que me rodeia.

Nesse solo, enfrento temporais e desfruto do calor extremamente árduo do sol, desde as onze da manhã até as duas da tarde. Aceito a chuvas fortes ou garoa como parte da minha jornada. Falar sobre identidade, sobre a construção do meu pensamento cognitivo, das minhas opiniões políticas e sociais, está profundamente ligado a essa assimilação e conexão com a natureza que me cerca.

Quando eu comecei a perceber que tinha dois lados, duas famílias diferentes, foi um desafio assimilar algumas coisas. Por parte de minha mãe, tenho a família evangélica, cristã neopentecostal, que possui um ambiente mais tranquilo, propício a conversas e risadas. Isso contrastava com a família de

meu pai, onde minha avó e meu avô eram casados e havia festas praticamente todos os fins de semana na casa de minha avó, ou melhor, dos meus avós. Foi aí que comecei a perceber que existiam mundos distintos, pessoas vivendo em ambientes diferentes, com culturas e costumes variados, inclusive religiosos. Com o tempo, passei a compreender as muitas diferenças entre a família de meu pai e a família de minha mãe.

Aos oito anos de idade, durante as festas na casa dos meus avós paternos, percebi que meu avô possuía características semelhantes às de meu pai e que ele falava uma língua diferente do português. Meu pai conversava com meu avô nessa língua desconhecida por mim, até que um dia, questionei meu pai sobre o que meu avô estava dizendo. Ele me revelou que estavam falando Terena. Foi assim que descobri a existência de outra cultura, outro mundo dentro da família de meus avós, mais ligado à família de meu avô Severino.

Meu pai traduzia para mim o que meu avô estava falando, e meu avô, por sua vez, conversava comigo nessa língua. Eu achava isso fascinante e único. Poder falar Terena, uma língua que quase ninguém conhecia, era algo especial para mim. Era nossa língua secreta, nossa identidade, algo que eu admirava profundamente. A descoberta desse outro mundo dentro de mim, da possibilidade de falar uma língua tão singular, era indescritivelmente maravilhosa. Lembro de uma cena que permanece gravada em minha memória: meu avô sentado em uma cadeira de fio, imerso nas notas de uma polca paraguaia, embalado pelo som de Los Tammy's. Enquanto isso, ele saboreava calmamente um caldo de peixe ensopado e compartilhava uma conversa em Terena com meu pai, pontuando o diálogo com risadas suaves.

Conforme percebi a singularidade e a genialidade desse aspecto de minha identidade, comecei a observar outras pessoas que se assemelhavam a meu avô e a meu pai, principalmente na escola. Lá, tinha colegas e amiguinhas indígenas. Na época, eu não compreendia totalmente o termo "indígena"; para mim, eram pessoas parecidas com minha família, com meu avô e meu pai.



Figura 4: Severino (meu avô) e Brito (meu pai) - pai e avô pescando

Durante o ensino fundamental, testemunhei meus colegas indígenas sendo vítimas de bullying. Embora eu não soubesse definir claramente o que era bullying naquele momento, percebia que era algo que os deixava tristes. Eles eram chamados de "índio", "bugre" e alvo de zombarias cruéis, o que me deixava envergonhada. Eu sentia vergonha de revelar que minha família também era indígena, que eu era indígena por ascendência. Embora eu ainda não tivesse uma compreensão completa de minha identidade na época, sabia que havia uma ligação com essa parte de minha história. A situação de vulnerabilidade e a vergonha que senti ao ver meus colegas sendo humilhados marcaram profundamente minha infância. Eu entendia que algo estava errado, que meus amigos não mereciam passar por aquilo. Porém, naquela época, os professores não agiam de forma adequada para interromper a violência verbal e o preconceito. Minhas professoras simplesmente pediam para que parassem ou ficassem quietos, mas não enfrentavam o problema de frente. A sensação de vulnerabilidade e tristeza que experimentei naquela época me deixou uma marca em minha memória e contribuiu negativamente sobre a minha compreensão da importância da valorização da diversidade e do respeito às diferenças.

Desde cedo, sempre senti segurança em minha família, tanto por parte de meu pai quanto de minha mãe. No entanto, ansiava por mais do que simplesmente segurança; desejava estabilidade e conexão com minhas raízes familiares. Foi na família de meu pai que encontrei essas raízes sólidas, um lugar que ainda hoje me acolhe e onde me sinto enraizada, mesmo diante das tempestades, chuvas, sol e adversidades.

Minhas memórias afetivas da infância estão repletas de momentos especiais com minha família, em particular com meu avô. Lembro-me das refeições compartilhadas, como o caldo de peixe e muita bebida alcoólica. A música paraguaia, em especial a polca paraguaia, que também fazia parte de

nossos momentos em família, trazendo-me lembranças reconfortantes e uma sensação de pertencimento. Em meio a essa rica memória de música e comida, destaco a religiosidade de minha família. Enquanto meu pai e minha avó eram as únicas pessoas evangélicas na família, jamais senti que eles escondessem ou se envergonhassem de suas raízes indígenas Terena. Meu avô, por sua vez, demonstrava um profundo desejo de que eu me identificasse com nossa cultura indígena e nossa identidade. Ele enfatizava a importância da autoafirmação e autoidentificação, não apenas para mim, mas também para minha irmã, que também compartilhava essa honra de ser terena. Porém, percebia que meu pai, apesar de não esconder sua identidade indígena, não fazia questão de falar sobre a cultura ou a própria identidade com a mesma intensidade que meu avô. Na minha cabeça, essa complexidade em discutir cultura e identidade era difícil de compreender, especialmente porque meu pai havia se convertido ao cristianismo e frequentava a igreja desde muito novo.

1.b. Etnia Terena

O movimento indígena e suas tradições de forma geral, foram brutalmente silenciados. A miscigenação levou a diluição cultural por meios de purutuye não indígena) no território brasileiro, criando uma dificuldade de saber as práticas tradicionais dos povos indígenas. Para o indígena no contexto da educação, é importante ter essa implementação da lei no âmbito do ensino básico, a alfabetização, diversidade e a inclusão.

Apesar de diversas dificuldades, é importante classificar o grupo linguístico do povo Terena, que pertence à família Aruak, do subgrupo Guaná. Eles são da área "Exiva", como os anciãos de Terena lembram, ao se referir a "Chaco" no Paraguai. Os terenas possuem formas de organização internas sendo tradicionalmente agricultores e conhecedores das técnicas de tecelagem e cerâmica.

De acordo com as principais literaturas sobre o povo terena, as autoras Circe Bittencourt e Maria Elisa Ladeira (2000) explicam que, a etnia terena é um dos subgrupos do Guaná ou Chané da família linguística Aruak. O nome Aruak, vem de povos que habitavam nas regiões próximas ao norte do Brasil, que por consequência do momento em que os europeus estavam dominando a região, os aruak disputavam o mesmo espaço com outro povo, os Karib. O nome Karib

e Aruak passaram a denominar os grupos linguísticos daquela área, encontrados na região interior do continente sul-americano. (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000, p.12).

No contexto de outros grupos de ascendência Aruak, tem os povos no continente americano (Guiana, Venezuela, Colômbia, Peru, Bolívia e Paraguai) e no Brasil. O povo Aruak do Brasil, está situado nas regiões de norte a sul do rio Amazonas, no Sudeste e Centro-Oeste. No estado de Mato Grosso do Sul, os povos indígenas do grupo linguístico Aruak, são os Terena, que habitam a região dos rios Aquidauana e Miranda, afluentes do rio Paraguai. Na década de 1930, uma parte do povo Terena foi para o estado de São Paulo, em uma área onde vivem os Guarani (Kaingang e Nhandeva) na região de Bauru. Apesar de diversas dificuldades, é importante classificar o grupo linguístico do povo Terena, que pertence à família Aruak, do subgrupo Guaná. Eles são da área "Exiva", como os anciãos de Terena lembram, ao se referir a "Chaco" no Paraguai. Os terena possuem formas de organização interna sendo tradicionalmente agricultores e conhecedores das técnicas de tecelagem e cerâmica. (BITTENCOURT e LADEIRA, 2000, p. 18).

1.c. Descobrimos os sons: música na igreja

Aos dez anos de idade, meu pai me presenteou com um baixo elétrico, incentivando-me a explorar minha paixão pela música. Apesar de aprender a tocar, percebi que não era essa minha verdadeira vocação. Um dia, ao assistirmos um DVD da banda Paralamas do Sucesso, meu pai me questionou sobre qual instrumento eu mais gostaria de aprender a tocar. Fiquei fascinada pela bateria e declarei meu desejo de aprender. Meu pai, embora surpreso, concordou em me ensinar o básico.

Iniciei minha jornada na bateria, aprendendo desde os rudimentos até tocar o "arroz e feijão". Contudo, dentro da igreja, deparei-me com preconceitos de gênero. Sendo uma jovem de onze anos na adolescência, enfrentei a resistência de um baterista mais experiente, que frequentemente me tirava da bateria durante os louvores, alegando que eu estava tocando de forma inadequada. Essa experiência foi dolorosa e deixou marcas profundas em minha autoestima. Minha paixão pela bateria estava em conflito com a falta de representatividade feminina nesse campo. Eu tinha uma frustração comigo

mesma, só não sabia explicar o porquê. Por vezes, me sentia oprimida e incapaz de expressar meus sentimentos. Recorria perto de minha mãe para evitar tocar, fingindo cansaço, sono ou doença, apenas para escapar das situações humilhantes de ter meu talento questionado e minha paixão desmerecida.



Figura 5: Tocando bateria em um congresso unificado na Assembléia de Deus Missões

Meu pai também enfrentou desafios dentro da igreja, pois ele sempre foi muito dedicado em tocar louvores na igreja. A pastora decidiu excluir meu pai e eu do grupo de louvor, argumentando que os hinos que tocávamos eram antiquados e que novos jovens músicos eram necessários para atrair uma audiência mais jovem e dinâmica. Essa exclusão nos afetou profundamente, pois sempre havíamos dedicado nossos corações à adoração a Deus. Em meio a tribulações em nossa vida familiar, a humilhação que vivenciamos dentro da igreja aprofundou nossa frustração. Contudo, permanecemos unidos, apoiando-nos mutuamente, apesar das dificuldades e desafios.

Minha mãe, figura materna e meu porto seguro, além de ser um exemplo de mãe, ela teve que teve que interromper os estudos quando era jovem, e depois retornou para os estudos e fez o curso técnico de enfermagem para ajudar no sustento de casa. Na minha adolescência, minha mãe já estava como técnica de enfermagem, fazendo plantões, e sua ausência em casa era sentida, enquanto a conexão que compartilhávamos como mãe e filha começava a se distanciar. Esse período de transição me aproximou mais de meu pai, abrindo portas para um novo capítulo em minha vida.

Depois que enfrentamos uma rejeição na igreja que frequentávamos, um lugar que deveria ser de acolhimento e apoio, minha família foi convidada para uma nova comunidade religiosa a convite de minha tia. O medo de reviver o passado doloroso estava presente, mas à medida que nos ajustávamos ao

novo ambiente, nossas paixões musicais ressurgiram. O convite do pastor para assumir o grupo de louvor marcou um ponto de virada, fazendo com que me sentisse extraordinariamente à vontade.

Nesse momento, mergulhei de cabeça no estudo de bateria, visitei várias igrejas e observei outros bateristas com admiração, aprendendo novas técnicas e explorando gêneros musicais no mundo gospel. Essas visitas às igrejas se tornaram uma escola de música para mim. O apoio de alguns membros da congregação me impulsionou a conquistar nosso espaço. No entanto, esse espaço ainda estava repleto de falas repetitivas sobre o dever de uma jovem cristã, um território que eu trilhava sem compreender completamente as forças que moldavam meu percurso. A ausência de figuras femininas para orientação e debates sobre o papel das mulheres na sociedade e na igreja me deixou isolada em minhas dúvidas e questionamentos. Na igreja, os tópicos eram quase sempre centrados em casais, noivados e preparativos para o casamento, como se o único caminho para uma mulher fosse ser uma esposa. Participar de um encontro de mulheres na igreja, sendo a única baterista adolescente, me fez sentir como uma peça fora do lugar. A imposição de usar saias e vestidos, enquanto eu usava shorts por baixo ou usava calça, trouxe olhares de desaprovação. Naquela época, não havia ninguém com quem eu pudesse discutir sobre meu espaço como mulher na sociedade ou sobre como me importar. Na igreja, as discussões se concentravam em casais, noivos e preparativos para o casamento. Lembro-me de pastores olhando para minhas pernas, o que me constrangia profundamente. Alguns me olharam com olhares que sugeriam que eu era uma menina não comportada ou não afeminada.



Figura 6: Tocando bateria no grupo de louvor, quando comecei a ter mais autonomia

Questões como a preparação das mulheres para a sociedade e seu papel na igreja se tornaram cruciais. No entanto, minhas perguntas continuaram sem respostas, e essa falta de orientação me angustiava profundamente. Eu ansiava por entender meu papel, mas parecia não haver espaço para minhas indagações. Eu tinha muitas questões sobre o posicionamento da mulher para

enfrentar o preconceito e se defender de falas e olhares de pessoas. Na época, pensava: "Como posso me defender de pessoas que me olham com desdém? Ou riem de mim por estar tocando bateria?"

Minha luta pela autenticidade e respostas não diminuiu minha dedicação à música e meu desejo de ocupar meu espaço. Enfrentei olhares preconceituosos, criando uma espécie de blindagem contra a intolerância que me rodeava. Eu ansiava por apoio, orientação sobre feminismo, empoderamento e como me afirmar. Minhas ações eram uma forma de autodefesa contra um mundo que não sabia como lidar com uma jovem que desafiava as normas. Minha jornada de autodescoberta foi moldada por desafios, silêncio e isolamento, mas também por resiliência e determinação. À medida que minha adolescência se desdobrava, eu continuava a questionar meu papel como mulher na igreja e na sociedade. O conflito interno entre a fé e as expectativas da igreja me fez confrontar um espaço que muitas vezes tentava me silenciar. Apesar de ter essa blindagem comigo, com o tempo comecei a perceber que eu estava segura e que os olhares de desaprovação não estavam tão evidente assim. Não sei se é por causa da idade ou por não ter minha mãe presente comigo nesta fase, mas percebo hoje o quanto é importante ter uma figura materna para manter diálogos contínuos sobre tudo.

Neste momento da minha vida, que passei, senti uma necessidade profunda de compartilhar experiências, preocupações e pensamentos com a minha mãe. Essa ausência tornou-se evidente ao longo dos anos, e reflete na minha busca por conexões significativas. Acredito que a presença de uma figura materna proporcionaria não apenas um espaço seguro para expressar sentimentos, mas também um elo que fortaleceria minha jornada pessoal. Essa reflexão sobre a importância da figura materna ou alguma outra figura feminina que pudesse ter uma sensibilidade e paciência para escutar, revela como as experiências e as ausências ao longo da vida moldam nossa percepção e necessidades emocionais.

Por anos, minha vida esteve entrelaçada com a música na igreja, uma jornada que compartilhei com meu pai. Percorremos várias configurações de banda ao longo do tempo. Meu pai sempre liderou o grupo de louvor, e por alguns anos, fomos os únicos membros da família a tocar na banda. Assim, experimentei diversas mudanças na formação da banda ao longo dos anos. Enquanto meu pai era o líder do grupo de louvor, a responsabilidade de

escolher as músicas recaía sobre mim. Esses foram anos verdadeiramente edificantes, onde aprendi a arte de tocar e ter noção de instrumentos variados, como bateria, violão, guitarra e teclado.

Com o passar do tempo, comecei a ganhar espaço como baterista. Tive a oportunidade de tocar em outras igrejas, sempre mantendo minha presença firme no grupo de louvor, bem como com os obreiros, irmãs e jovens da congregação. Fiz muitas amizades durante esse período, e gradualmente comecei a me identificar mais profundamente como uma baterista. Eu consumia avidamente workshops online no YouTube e também participei de um workshop presencial que teve um impacto significativo em minha trajetória. Esse workshop era ministrado por Alexandre Aposan, que na época era o baterista do renomado cantor gospel Thales Roberto, conhecido por sua influência no Black Music e ajudou a compreender e aprofundar minha jornada profissional na bateria. Neste período, comecei a ter um olhar mais profissional sobre a música, de imaginar e buscar pelos meus sonhos de tocar em grandes shows um dia.

No entanto, chegou um momento em que meu pai, que por tanto tempo liderou o grupo de louvor, começou a sentir o peso do cansaço. Ele ansiava por descanso e queria se dedicar a outras atividades, mas, mesmo assim, persistia em seu papel de líder. Até que um dia, durante um culto de jovens, enfrentamos uma situação inesperada. A cantora do grupo de louvor não compareceu, apesar de termos ensaiado por semanas para aquele grande dia. No meio do desespero, tomei a decisão de seguir em frente com o musical instrumental, deixando apenas a música falar por nós.

Minha irmã mais nova, Emanuela, que sempre sentiu vergonha de cantar em público, percebeu que estávamos exaustos e que não havia ninguém disponível para assumir a voz principal. Com coragem, ela se lançou na missão e assumiu o microfone. No início, sua timidez era palpável, mas sua voz estava surpreendentemente afinada. A partir daquele dia, meu pai viu uma oportunidade única: minha irmã poderia assumir o papel de cantora no grupo de louvor. Não como líder a princípio, mas como uma vocalista que contribuiria para o louvor da igreja. Ele a encorajou e começou a investir nesse novo talento emergente. E assim, minha irmã começou sua jornada como cantora no grupo de louvor, substituindo a cantora anterior que saiu do grupo de louvor.

Ao longo do tempo, observei minha irmã ganhar autonomia na escolha dos hinos na nossa banda musical da igreja. Recordo-me de como não tive o apoio necessário no início da minha adolescência, e isso me impeliu a desejar uma experiência diferente para ela. Assim, decidi delegar a ela toda a responsabilidade na condução da banda, encorajando sua independência. Com o passar do tempo, nossa parceria começou a florescer, e aprimoramos nosso repertório com novos hinos e técnicas musicais. Esse enriquecimento musical não apenas aliviou o fardo de meu pai, permitindo-lhe um merecido descanso, mas também nos levou a obter reconhecimento, culminando na formação de nossa própria banda para apresentações em outras igrejas.



Figura 7: Minha irmã Emanuela iniciando no gupo de louvor

Naquele período, já havíamos conquistado respeito no cenário gospel da Assembleia de Missões. No entanto, enfrentamos inúmeros desafios. Dentro da igreja, desenvolveu-se uma rivalidade, uma competição velada para determinar qual banda se destacava. Nossa liderança feminina, apesar de inovadora, não foi prontamente aceita. Na maioria das outras bandas, as vocalistas eram mulheres, mas raramente assumiam o papel de líderes, responsáveis por criar arranjos, adaptar tonalidades e montar repertórios. Olhares desconfiados se voltaram para minha irmã e para mim, em parte devido ao nosso gênero. Entretanto, minha experiência anterior me permitiu fortalecer a resiliência de minha irmã, encorajando-a a não desistir. Mesmo assim, enfrentamos desavenças na igreja por razões aparentemente triviais, muitas vezes relacionadas ao poder e às hierarquias dentro das igrejas evangélicas.

1.d. Buscando caminhos: chegando à UFMS

O ensino médio foi um período prolongado de crescimento e desafios. Eu estava me sentindo cada vez mais confiante como musicista, desempenhando

o papel de baterista e apoiando minha irmã. A relação com minha mãe também se tornava mais harmoniosa, após eu ter resolvido algumas questões pendentes da minha adolescência. No entanto, novas preocupações começaram a surgir. Enquanto cursava o ensino médio, comecei a questionar minha formação e meu futuro. Quais eram meus objetivos? Que faculdade eu queria frequentar? Esse período foi marcado por desafios profundos e reflexões sobre minha trajetória pessoal e acadêmica.

Iniciei uma jornada de autoquestionamento durante o ensino médio, quando comecei a ponderar sobre os possíveis cursos que poderia seguir após a conclusão dessa etapa. Assim como a maioria dos jovens, fui invadida pela ansiedade de pensar no meu futuro profissional. Quem eu seria no futuro? Qual carreira seguiria? Essas eram perguntas que começaram a me inquietar.

Em um dia comum, estava passeando com meus pais e minha irmãna feira, me deparei com um artista de rua que estava pintando azulejos, mas o que realmente capturou minha atenção foi a tatuagem no braço dele. Eram partituras, meticulosamente tatuadas, revelando sua paixão pela música. Não pude deixar de me encantar pela beleza daquelas notas musicais feita detalhadamente. Movida pela curiosidade, abordei o rapaz e perguntei a respeito da tatuagem e do instrumento ao qual ela se referia. Com gentileza, ele compartilhou detalhes sobre a tatuagem e revelou que as partituras eram de viola caipira. A partir desse momento, meu interesse cresceu não apenas pela tatuagem, mas também pela forma como aquele artista de rua expressava sua arte de maneira tão única. Decidi aprender mais sobre essa forma de expressão artística que estava acontecendo ao meu redor, fora dos limites da igreja que frequentava.

Tive a oportunidade de obter o contato do artista e, movida pela minha curiosidade crescente, perguntei se ele conhecia outros artistas com interesses semelhantes. Queria muito explorar esse mundo artístico além dos muros da igreja. Ele prontamente me apresentou a um professor de percussão e mencionou que o professor era amigo dele que lecionava na UFMS. Movida pela minha curiosidade, entrei em contato com esse professor, cujo nome era Felipe Brito, também conhecido como Felipe Ceará. Minha intenção era perguntar sobre seus projetos e, assim, dei início a uma nova fase da minha vida: a imersão no universo da percussão.



Figura 8: Participação do Lapebá na Semana Mais Cultura na UFMS

Lembro-me daquele momento em que iniciei uma conversa com um professor, o Felipe. Ele explicou-me que o projeto de extensão estava direcionado principalmente aos alunos da UFMS, especialmente àqueles do curso de música, que já possuíam algum domínio sobre partituras e instrumentos de percussão. No entanto, eu abracei essa oportunidade com entusiasmo, movida pela curiosidade ardente de conhecer mais sobre a música, sobre os artistas, sobre novos repertórios. Quando adentrei o projeto de extensão, ele atendia pelo nome de "Laboratório de Percussão e Batucaria". Fui surpreendida pela diversidade de instrumentos de percussão e pela experiência única de tocar em conjunto. Como baterista, minha jornada musical havia sido solitária até então. Os tambores, com sua sinfonia de timbres, as músicas elaboradas e os diversos ritmos, tudo isso me encantou profundamente. No entanto, eu era a única que não sabia ler partituras. Sorte a minha que já possuía habilidades na bateria e com baquetas, mas a leitura de partituras era um desafio que precisava enfrentar.

Alguns dos colegas, alunos do curso de música, foram gentis e pacientes o suficiente para me ensinar a arte da leitura de partituras. A princípio, não levei isso muito a sério, pois ainda estava imersa em reflexões sobre qual caminho seguir academicamente. A percussão, um mundo de descobertas, abriu-se diante de mim em 2016, quando me juntei ao grupo de percussão no segundo semestre, enquanto cursava o ensino médio. O equilíbrio entre as responsabilidades do ensino médio e a distância até a UFMS, com a dificuldade de transporte, tornava desafiador estar presente em todos os ensaios. O projeto de extensão, gratuito e valioso, me motivou a buscar alternativas para superar esses obstáculos. Meus pais não podiam custear os passes de ônibus, então tive a ideia de pintar placas de carros, aproveitando minha habilidade, próxima ao local onde meu pai trabalhava como vistoriador veicular. Com o dinheiro angariado, pude adquirir os passes e continuar com minhas aulas de

percussão.

Os primeiros meses foram uma jornada de absorção de conhecimento, explorando o vasto universo da percussão. Aprendi sobre os diferentes instrumentos, suas particularidades e como eles se encaixavam nas composições. Percebi as distintas "famílias" de instrumentos percussivos e a riqueza de possibilidades que esse mundo oferecia. Lembro-me da sensação de liberdade que experimentei ao entrar na sala de ensaio pela primeira vez e encontrar outras garotas tocando percussão. Foi um choque cultural positivo, que me fez sentir à vontade para improvisar, rir e expressar minha opinião. Conheci novas pessoas, novas músicas e novas técnicas, e a complexidade da percussão me cativou, deixando-me ávida por mais conhecimento.

O sucesso do grupo dentro da UFMS nos levou a ser convidados para tocar em Dourados, mas a peça escolhida pelo professor tinha uma partitura com mais de vinte páginas. Naquele momento, entrei em desespero, pois minha habilidade de leitura de partituras ainda não estava completamente desenvolvida. No entanto, colegas solidários vieram em meu auxílio, ensinando-me o que eu precisava saber para participar do evento em Dourados.

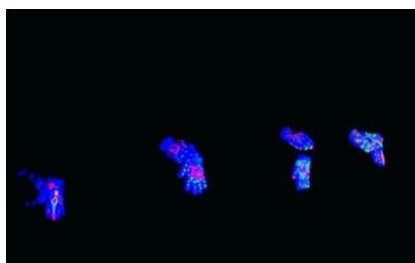


Figura 9: Participação do Lapebá no Festival de Musica em Dourados

Minha primeira apresentação fora de Campo Grande, em um festival de música com diversos músicos e tipos diferentes de instrumentos, foi uma experiência memorável. Lembro-me de um episódio hilário em que, ao ver diversos músicos segurando violinos e afinando, comecei a filmá-los, pensando que já era a apresentação principal. Até que um dos meus colegas do Lapebá me disse que era só afinação do instrumento, e então tive um ataque de risos pela gafe que cometi.

Esse evento em Dourados marcou um marco crucial no início da minha jornada na percussão. Naquela época, eu ainda não me via plenamente como

uma percussionista, apesar de minha performance em um grande evento. A identificação com uma vocação leva tempo, às vezes obscurecida pela insegurança. A jornada de autodescoberta é uma trilha de afirmação constante e reafirmação de nossa paixão. Acredito que, ao nos definirmos como artistas, seja músico ou qualquer outra profissão, estamos continuamente reforçando a trajetória que escolhemos, criando e reproduzindo massas sonoras rítmicas em nossa própria melodia de vida.

2. O acesso ao ensino superior de música

2.a. Curso na UFMS: descobertas

Durante dois anos, participei ativamente de um grupo musical que viria a se tornar um dos capítulos mais significativos de minha vida. Foi um período repleto de aprendizado, descobertas e muita música. Dentro desse grupo, conhecido como Lapebá, experimentei a riqueza da percussão e seus diversos ritmos. Uma das canções que deixou uma marca profunda em mim foi "Tambores de Minas" de Milton Nascimento e a emocionante peça para cajon chamada "Festejo", notável por ser executada por um ensemble de doze cajons. Essa experiência musical intensa também me proporcionou a oportunidade de construir amizades valiosas enquanto adentrava no vasto universo da percussão. À medida que o tempo avançava, percebi uma mudança fundamental em minhas aspirações musicais. O desejo de fazer parte do curso de música como percussionista tornou-se uma paixão crescente. Para surpreender meu professor, decidi manter em segredo minha intenção de prestar vestibular para o curso. Em vez disso, recorri aos amigos que fiz no grupo La Pebá para obter ajuda. Pintar placas de carros e adquirir passes de transporte para aulas particulares foram algumas das estratégias que eles gentilmente ofereceram para que eu pudesse dar os primeiros passos rumo ao curso de música. Essas relações foram inestimáveis em minha trajetória.

Quando finalmente realizei o vestibular e consegui ingressar no curso, senti uma onda avassaladora de emoção. A jornada acadêmica me mergulhou em um ambiente completamente novo, repleto de pessoas talentosas que tocavam uma variedade de instrumentos e exploravam repertórios diversos. Foi um verdadeiro choque cultural, mas todas essas experiências enriqueceram meu conhecimento artístico de maneira profunda. No início, meu caminho dentro do curso de música era incerto. Observava os colegas e seus objetivos enquanto eu mesma estava um pouco perdida. Sonhava em me tornar uma percussionista e baterista excepcional, mas a direção a seguir não estava clara. Essa jornada se transformou em uma busca constante de autodescoberta, à medida que estabeleci conexões significativas com inúmeras pessoas ao longo do caminho.

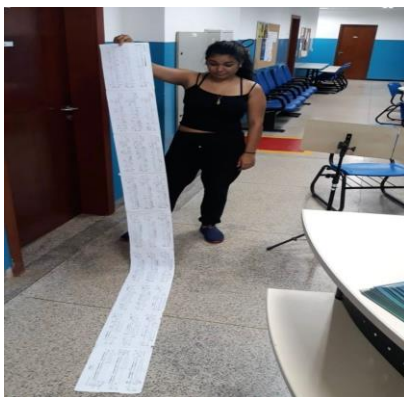


Figura 10: Minha primeira peça solo na UFMS como estudante



Figura 11: Primeira apresentação na Banda Sinfonica UFMS



Figura 12: Tocando bateria no festival de música só para mulheres em Campo Grande

Dentro do curso, uma experiência particularmente impactante foi minha participação em uma banda marcial. Isso me proporcionou uma perspectiva única da percussão e de outros instrumentos, já que esse estilo musical estava profundamente enraizado na tradição militar. Embora as diferenças fossem evidentes, a igualdade e o respeito eram valores compartilhados entre os participantes, muitos dos quais eram estudantes de escolas públicas. Essa experiência me mostrou a importância das bandas marciais como uma introdução à música para crianças que não têm acesso a aulas particulares. Posteriormente, fui convidada a integrar a banda sinfônica da UFMS, o que me

imersi em uma outra linguagem musical. Comecei a compreender como minha performance musical podia variar significativamente, dependendo do gênero musical ou da composição da banda. No entanto, observei que o foco predominante do curso estava na música clássica e erudita, o que me fez sentir deslocada, dado meu histórico musical diversificado. Durante as disciplinas do curso, enfrentei problemas em algumas matérias, especialmente na teoria musical e na música ocidental. Isso me fez questionar meu próprio lugar naquele contexto, pois muitos colegas pareciam desfrutar dessas disciplinas que eu achava monótonas. Entretanto, encontrei solace em disciplinas como música contemporânea e música eletrônica, que ampliaram minha visão sobre a música e tornaram o aprendizado mais envolvente.

A pandemia, que afetou a todos de maneira drástica, trouxe transformações profundas à minha vida. Tudo parou subitamente, as ruas ficaram desertas, e as aulas migraram para o ambiente online. Foi um período de reflexão intensa sobre minha vida e minha carreira. Apesar de meus planos de continuar o curso de música, eu lutava para me adaptar ao ensino a distância, enquanto também me via obrigada a trabalhar para ajudar financeiramente minha família. Trabalhei quase um ano em uma vistoria veicular, onde encarei situações de machismo como a única mulher da equipe. Me sentia deslocada e cansada de um trabalho que não condizia com meus objetivos e paixões musicais. Esse período desafiador serviu como um catalisador para a mudança, levando-me a refletir sobre a necessidade de seguir um caminho mais alinhado com meus sonhos e paixões.



Figura 13: Trabalhando como vistoriadora veicular na pandemia

Em um momento de profunda incerteza, recebi uma mensagem de um professor da UFMS, oferecendo-me uma bolsa para um curso à distância chamado Musitec, focado em música e tecnologia. Aceitei a oportunidade e, assim, dei um passo corajoso, pedindo demissão do meu emprego na vistoria. Dediquei-me inteiramente a esse novo desafio, mesmo sem compreender completamente o que me aguardava. Esta decisão marcou uma nova etapa na

minha jornada musical, repleta de descobertas e aprendizado.

2.b. 25 de novembro de 2025

O curso MUSITEC foi um divisor de águas em minha trajetória. Lembro-me de como entrei nele, quase sem entender o que me aguardava. A ideia de um curso online sobre música e tecnologia a distância era, para mim, uma incógnita. No entanto, à medida que participei das primeiras reuniões com meu professor e os organizadores, minha visão começou a ganhar contornos nítidos. Havia, nesse curso, docentes provenientes de diversas universidades, todos profundamente envolvidos no projeto, prontos para compartilhar seus conhecimentos com estudantes e pesquisadores de todo o Brasil. O que aconteceu a seguir estava além das minhas expectativas. Fui apresentada a um vasto universo musical que, confesso, me era completamente desconhecido. De repente, estava imersa na música eletroacústica, performances singulares, captação de áudio, instalação sonora e uma série de outras maneiras extraordinárias de fazer arte.

O curso, mais do que uma simples jornada acadêmica, foi uma aventura na qual dominei o uso de plataformas digitais para me conectar com colegas que, como eu, tinham se inscrito ansiosos para participar dessa experiência enriquecedora. Professores universitários, bem como convidados especiais, desdobraram um leque de tópicos, ministrando cursos e oferecendo atividades que nos desafiaram a preparar uma apresentação online ao final do programa.

Em meio a esse cenário, meu desafio era apresentar um projeto que amalgamasse tecnologia e música. Decidi ressuscitar um projeto que acalentava desde o ensino médio: criar uma sala que reproduzisse o som característico de cada planeta em nosso sistema solar. Na época, questioneei ingenuamente: "Os planetas têm som?" Mergulhei em pesquisas sobre os sons das esferas e trouxe esse projeto para a arena do curso de música e tecnologia. A insegurança era um fardo, visto que meus colegas estavam imersos em campos muito mais complexos. Confesso que estava insegura, pois alguns dos meus colegas eram mestres em áreas extremamente complexas. Entretanto, à medida que o curso avançava, percebi que cada faísca da minha criatividade já possuía um nome específico. Afinal, é por meio das inovações que expressamos o que há de mais valioso em nós. Mas o curso não se tratava

apenas de conhecimento. Ele era também uma vitrine para a diversidade, onde pude enxergar os muitos matizes da música, composição e performance.



Figura 14: Apresentação dos projetos artísticos no curso de música e tecnologia (MUSITEC) - Paticipei como bolsista e artista sonora

2.c. Conectando com meus ancestrais

Contudo, foi em um dia marcante que me deparei com uma situação que me tocou profundamente. Em uma reunião para formar grupos e planejar nossas apresentações finais, um tópico surgiu: música indígena. Foi nesse momento que minha mente fez uma viagem no tempo, de volta à minha infância. Lembrei-me do meu avô e do meu pai, e percebi que havia uma enorme lacuna em minha compreensão da música indígena. À medida que as pessoas discutiam sobre o assunto, ficou evidente que muitos de nós tínhamos conhecimento limitado sobre essa forma única de expressão musical. O desconforto que senti naquele momento foi indescritível. Era mais do que curiosidade; era um profundo desejo de entender e respeitar. A música indígena não é apenas uma parte de uma cultura, mas a própria identidade do indivíduo, que evolui com o tempo. Não se trata apenas de técnica, comércio ou pesquisa. Era mais profundo e essencial do que eu jamais imaginara. Aqui, meu eu adolescente, cheio de perguntas e inquietações, voltou à tona. Estávamos discutindo a produção de uma apresentação sobre um tópico que muitos de nós mal conhecíamos. Busquei a orientação de professores e familiares, mas a busca de informações não era fácil. Reviver meu passado e tentar entender a cultura da minha família mexeu com minhas emoções.

Em meio ao caos, percebi que precisava investigar a música indígena da minha própria etnia, os Terena. Conforme mergulhava nessa pesquisa, as dúvidas começaram a surgir. A ânsia de entender outra realidade, de conhecer

a história de um povo, exige dedicação e paciência. Minha ansiedade em obter respostas rapidamente tornou-se um obstáculo. O anseio de querer conversar com todo mundo, querer saber de todo contexto histórico, cultural e ver quais são os problemas e possíveis soluções, me deixou perdida em uma selva imaginária, como se fossem cigarras que cantam aleatoriamente e de repente se sincronizam, oscilando seu volume. Nesse ponto, compreendi que minha jornada não era uma busca por respostas prontas, mas um processo de descoberta. Eu ansiava por aquilo que ainda não era meu, quando, na verdade, o que era meu (no sentido de receber uma direção certa) já estava destinado a cruzar meu caminho. Tudo o que precisava era a paciência de permitir que o tempo desempenhasse seu papel.

No cerne de minha busca, descobri que procurava algo que ainda não fazia parte de minha experiência, enquanto o que me pertencia estava prestes a emergir. Com paciência, entendi que o **silêncio** é um **observador** da majestosa **natureza** que se manifesta com ternura em seu próprio ambiente atemporal. Enquanto nós, seres humanos barulhentos e precipitados, precisamos apenas existir para então vivenciar e colocar a nossa percepção em ação.

Resolvi fazer uma jornada de autodescoberta, voltando às minhas raízes e explorando o mundo que há muito estava adormecido em minha memória. O palco para essa busca era a Aldeia Passarinho, o lugar que meu avô Severino, uma figura marcante em minha vida, havia chamado de lar. À medida que me aproximava da aldeia, as emoções fervilhavam dentro de mim, e as memórias do meu avô, que costumava me encantar com os sons de canções paraguaias e o sabor do caldo de peixe, inundaram minha mente. Ao dar o primeiro passo naquele chão familiar, fiquei muito emocionada, com um misto de emoções que não sei descrever. Caminhar pela aldeia foi como uma viagem no tempo. Cada detalhe, cada árvore, cada cheiro ativava recordações vívidas da minha infância. Era como se todas as minhas dúvidas sobre meu lugar no mundo, que me atormentaram por tanto tempo, fossem apagadas em um piscar de olhos. Nesse momento, eu soube que aquele lugar era onde eu pertencia.



Figura 15: Meu retorno para a Aldeia Passarinho - registro no exato momento em que cheguei

Ao chegar à casa dos meus tios, percebi que eles não me reconheciam imediatamente, afinal, havia se passado muito tempo desde a minha última visita. No início, nossas conversas eram tímidas, e o distanciamento entre nós era evidente. No entanto, à medida que os dias passavam, víamos os laços familiares se fortalecendo novamente. Ri com meus tios e primos à sombra do pe de manga, um cenário que me era tão familiar. Eu havia trazido comigo uma câmera fotográfica, decidida a capturar esses momentos preciosos. Fotografei a família reunida, o sorriso de meu tio brilhando naquele instante. O riso ecoou na aldeia, preenchendo o ar com alegria.

À medida que os dias passavam e minha conexão com a aldeia e minha própria identidade cultural se fortaleciam, eu compreendi que essa jornada não era apenas uma pesquisa, mas uma oportunidade de viver e entender verdadeiramente minha cultura. A pesquisa era apenas uma pequena parte dessa jornada. Aprender sobre minha cultura significava criar laços reais, como aquelas conversas simples durante as rodas de tereré, onde o tempo parecia se esticar para que pudéssemos absorver cada momento. Naquele lugar, onde a natureza revelava sua majestade com ternura atemporal, percebi que não precisava mais questionar onde eu pertencia. Minha identidade Terena havia sido redescoberta e celebrada, e as perguntas que me atormentaram por tanto tempo foram silenciadas. Assim, minha viagem a Aldeia Passarinho tornou-se um começo de uma nova fase em minha vida, que comecei a vivenciar minhas raízes, e início de uma autoetnografia, um mergulho profundo em minhas raízes e uma celebração do renascimento da minha identidade cultural. Era um lembrete de que o tempo tem uma percepção diferente na visão dos Terena, uma visão que agora compartilho e valorizo profundamente.

Entendi que a pesquisa se revelou apenas uma pequena parte da minha vida, e compreendi que tudo tem seu tempo. Foi então que percebi que criar laços, simplesmente conversar em uma roda de tereré, era parte vital dessa

construção delicada e preciosa.

3. Ser aluna Terena na UFMS

3.a. Os indígenas na UFMS: Rede Saberes e Licenciatura Intercultural de Aquidauana

Os povos indígenas do Brasil passaram por um dos maiores desafios identitários da história, a começar com a chegada dos invasores coloniais. Os povos indígenas da comunidade Terena e outros grupos indígenas enfrentam divisões culturais que levam ao etnocentrismo. Esse novo modo de vida imposto pelos colonizadores trouxe consigo valores que influenciaram a identidade e a comunicação dos povos indígenas, afetando principalmente o uso das línguas maternas, que é um dos mecanismos de imposição cultural. A educação escolar indígena é uma educação transcultural, que visa implementar políticas públicas dentro das aldeias, para fortalecer a cultura e a formação dos alunos indígenas nos ensinos fundamental, médio e superior e desconstruir o etnocentrismo. No entanto, o acesso ao ensino superior não resolve o problema permanente dos estudantes indígenas no Mato Grosso do Sul.

A Universidade contribui em parte para o fortalecimento do processo de autogestão dos povos indígenas do Mato Grosso do Sul por meio do acompanhamento dos processos de autogestão e desenvolvimento sustentável dos estudantes indígenas e suas comunidades.

Conforme o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNEI, 1998, p.24), a educação escolar indígena é uma educação de fundamento intercultural, ou seja, a ideia do conceito intercultural é valorizar a diversidade entre os povos indígenas e sua relação com a sociedade visando desconstruir o etnocentrismo. A luta dos movimentos sociais, na educação e nas escolas públicas, têm o objetivo de formar professores, mudando a formação inicial e contínua por meio de saberes históricos que não são contempladas no currículo no âmbito da licenciatura como material didático. Existe um conjunto legal e fundamental para propor métodos usados dentro de uma escola indígena, de acordo com Resolução CEB No 3, de 10 de novembro de 1999 Art.2o, que fixa as diretrizes nacionais, ou seja, como devem ser regidas durante as aulas nas escolas indígenas.

A lei 11.645/2008 estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura africana, afro-brasileira e indígena em todo o currículo escolar do Brasil,

e representa um direito histórico que estava sendo negado por anos, e que atualmente está consolidado em reconhecer movimentos sociais e históricos da própria população que não estava sendo apresentada e reconhecida no ensino escolar. De acordo com CENSO/IBGE (2010), existem no território brasileiro, 896.917 de pessoas que se declararam indígenas. Mato Grosso do Sul concentra, atualmente, a segunda maior população indígena do país, estimada em 73.295 mil pessoas. Luiz Ferreira e Landa (2020), explicam sobre a manifestação de professores indígenas pelo território brasileiro, que expandiu e consolidou as reivindicações por melhoria da educação pelo poder público. Nestas associações constante da criação de escolas, e a proposta da realização da educação do ensino fundamental e ensino médio nas aldeias, trouxe a formação por meio de licenciaturas interculturais e entre outros cursos do ensino superior.

Segundo Luiz Ferreira e Landa, (2020), o aumento das cotas específicas para indígenas nas universidades públicas, resultou em um aumento significativo da presença de indígenas no ensino superior, que, no ano de 2017 contava com 56.750 indígenas em instituições públicas e privadas. Mato Grosso do Sul foi o primeiro Estado a ofertar vagas específicas para indígenas pela implementação da política de cotas através da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), que estabeleceu a reserva de vagas de 10 % para estudantes indígenas. A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) campus de Aquidauana, no âmbito do ensino superior com políticas públicas específicas para os povos indígenas, oferece a Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal, com entrada por meio de vestibular. A Licenciatura Intercultural Indígena Povos do Pantanal é realizada por meio de provas específicas, voltadas para a realidade dessas comunidades com prioridade para os indígenas, pelo sistema de cotas das Universidades Federais (Cunha, Santos, e Polini, 2021).

No entanto, refletir sobre as ações afirmativas ou o acesso ao ensino superior não soluciona o problema que é a permanência dos estudantes indígenas do Mato Grosso do Sul. Torna-se necessário aplicar um novo modelo educacional que estimule a necessidade de integrar a ciência ocidental com os saberes ancestrais dos povos indígenas e suas etnias, a fim de alcançar os objetivos e concluir a formação do ensino superior. A Universidade contribui, em parte, para o fortalecimento do processo de auto governança dos povos

indígenas de Mato Grosso do Sul por meio do acompanhamento do processo de autogestão e desenvolvimento sustentável dos estudantes indígenas e suas comunidades (Aguilera Urquiza e Nascimento, 2013).

O Programa Rede Saberes foi criado em 2005 e em 2007 iniciou uma parceria em rede com as quatro maiores universidades de Mato Grosso do Sul sob a coordenação da Universidade Católica Dom Bosco. O programa Educação Superior Permanente para Povos Indígenas da UCDB, UFMS, UEMS, UFGD é financiado pela Fundação Ford que tem como objetivo garantir o direito da educação e fomentar a justiça social e racial, criando um espaço dentro das universidades para acolher e promover estudantes indígenas (Aguilera Urquiza e Nascimento, 2013).

O Programa Rede Saberes trabalha principalmente com os povos tradicionais Guarani, Terena, Kadiwéu e Kinikinau. Mato Grosso do Sul, com a segunda maior população indígena do Brasil, possui o maior número de indígenas no ensino superior no país. O Programa Rede Saberes atua diretamente com mais de 80% deste todo. A Universidade Católica Dom Bosco (UCDB), possui uma pós-graduação em Educação, especificamente tratando da educação intercultural e dos povos indígenas e um Núcleo de Estudos dos Povos Indígenas (NEPPI), com muitos trabalhos e pesquisas sobre o tema. A Universidade Federal de Mato Grosso do Sul desenvolve curso superior de bacharelado, Licenciatura e especificamente para povos indígenas, no âmbito do Povos do Pantanal (Guató, Kinikinau, Kadiwéu, Ofaié e Terena).

Desde 2005, a Rede Saberes vem realizando inúmeras atividades para manter a permanência de estudantes indígenas nas universidades. O núcleo do programa nas universidades possui computadores com acesso à internet, impressoras, e uma biblioteca reduzida com literatura indígena de professores indígenas que reside no Mato Grosso do Sul. Professores oferecem apoio para direcionar os estudantes indígenas durante os primeiros passos da organização acadêmica, como a compreensão de textos, aula de informática, tutoria de disciplinas específicas (biologia, física, letras, matemática e entre outros). Um dos objetivos da Rede Saberes, é o incentivo à pesquisa científica, desenvolvendo projetos de pesquisa para participação em congressos e eventos acadêmicos. A organização dos próprios estudantes indígenas para mostrar a cultura tradicional, sustentabilidade, educação indígena, entre outras manifestações, faz parte dos objetivos do Programa.

3.b. Mídias como ferramenta de luta e resistência: uma jornada autoetnográfica

Me deparei com uma “enxurrada” de pautas no Instagram, Twiter, e entre outras redes, sobre algo chamado marco temporal. Eu não tinha a menor ideia do que se tratava, especialmente em relação à demarcação de terras indígenas. Contudo, ao invés de correr para entender imediatamente, decidi respeitar o processo de aprendizado, o meu processo, buscando fontes sobre o assunto.

Conforme a discussão em torno do marco temporal crescia, eu percebia que algo importante estava acontecendo. Muitas comunidades começaram a se manifestar sobre esse tópico, e eu senti que precisava me aprofundar. Assim, embarquei em uma jornada de pesquisa, explorando o Instagram e o YouTube para obter informações. O que descobri foi um mundo de contas e páginas dedicadas à cultura indígena, que não apenas explicavam o marco temporal, mas também compartilhavam eventos culturais e territórios indígenas. Isso me proporcionou uma visão abrangente da diversidade dos povos indígenas no Brasil, o que me surpreendeu e encantou. Essa experiência mudou a minha perspectiva sobre a comunicação indígena. Percebi como as redes sociais serviam como um meio contemporâneo para expressar as realidades, desafios e a resistência dos povos indígenas. Abriu meus olhos para a importância da comunicação entre comunidades indígenas e não indígenas, rompendo estereótipos e compartilhando histórias de luta. Minha jornada me levou a uma página no Instagram chamada "Mídia Índia," que posteriormente passou a ser conhecida como "Mídia Indígena." Essa plataforma, criada em 2017, se tornou um porta-voz essencial e uma plataforma coletiva para jovens indígenas no Brasil. Ela fortaleceu a luta por direitos e amplificou as vozes das comunidades indígenas, expondo o movimento, a cultura e a resistência da juventude indígena no Brasil.

Minha autoetnografia é uma tentativa de capturar minuciosamente cada etapa dessa busca, à medida que descubro minha própria cultura e me maravilho com a riqueza e diversidade das culturas indígenas. Aprofundando ainda mais, descobri um documentário na Netflix chamado "Guerras do Brasil". Assistindo-o, fiquei surpreso com a narrativa do professor indígena Ailton Krenak, que questionou a própria invenção do Brasil, destacando a influência das invasões históricas. Sua maneira singular de expressão e as palavras que

introduziu, como "cosmologia" e "cosmovisão," expandiram meus horizontes. O documentário também ressaltou a diferença nas perspectivas de filósofos, antropólogos e historiadores indígenas e não indígenas. A participação de Sônia Guajajara, líder indígena, revelou uma notável resistência feminina. Tudo isso mudou radicalmente minha visão da história do Brasil, ao perceber a importância de ouvir as narrativas indígenas e valorizar a literatura e vozes da juventude indígena. Essa jornada, iniciada com uma mera curiosidade, se tornou uma autodescoberta enriquecedora, iluminando os caminhos de comunidades indígenas e mostrando a importância de sua voz na história do Brasil.

3.c. Programa Cidadania Viva



Figura 16: Primeiro dia no Programa Cidadania Viva

Durante o período em que comecei a transitar nas aldeias, também iniciei minha trajetória como bolsista no programa governamental chamado Cidadania Viva. Essa etapa da minha vida desempenhou um papel fundamental na minha identificação como mulher indígena. Tratar de questões relacionadas à identidade e à autodeclaração revelou-se um processo complexo, devido à incompreensão frequente em relação às jornadas de autorreconhecimento e ao desejo de aprofundar conhecimentos sobre cultura e raízes. Ao ingressar no programa Cidadania Viva, participei de discussões iniciais com outros bolsistas, onde, pela primeira vez, declarei publicamente minha identidade indígena. Isso representou um marco, marcando o início de minha autoafirmação. Entretanto, os olhares a minha volta foram diversos, abrangendo curiosidade, admiração e ceticismo. Ressaltei que estereótipos enraizados sobre a aparência indígena, como cabelos lisos, olhos puxados e pele avermelhada, ainda persistiam. Muitos não sabem da diversidade dos povos originários. Mesmo assim, minha capacidade de me afirmar gerou admiração e inspirou outros jovens indígenas que estavam nessa roda de conversa.



Figura 17: Minha primeira palestra em uma escola pública falando sobre a cultura do povo Terena, representando o Programa Cidadania Viva

O Programa Cidadania Viva apresentou-se como um projeto abrangente, que ia além do conceito tradicional de cidadania, abordando questões sociais e relacionando-se com os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU. Com quatro pilares estruturais, incluindo aspectos históricos do Mato Grosso do Sul, expressões comunicativas pelas artes e valorização da cultura, e a educomunicação. O programa conferiu protagonismo a comunidades indígenas, quilombolas e ribeirinhas. Essa dimensão social me impactou profundamente, pois percebi que havia encontrado um espaço onde poderia expressar minhas ideias sem receio de julgamentos. Meus colegas de programa compartilhavam experiências similares, sendo também indivíduos indígenas, negros e membros da comunidade LGBTQ+. Nas discussões, ficou claro que muitos jovens passavam por processos de autoconhecimento e autoidentificação semelhantes.

Conforme me relacionava com outros jovens, nossa missão se ampliou para englobar não apenas questões ligadas aos povos indígenas, mas também temas relevantes a diversas comunidades. Infelizmente, constatamos que tais tópicos frequentemente eram negligenciados, particularmente no contexto do Mato Grosso do Sul. No entanto, nesse espaço de compartilhamento de conhecimento, nos tornamos agentes de mudança, reconhecendo a importância de compreender as histórias e perspectivas uns dos outros, além da necessidade de cooperação. Minha primeira ação no programa esteve intimamente ligada à causa indígena. Colaborei em uma consulta pública que visava envolver os povos indígenas na discussão de esportes e distribuição de equipamentos esportivos, como bolas de futebol, vôlei, redes, entre outros. Minha função era receber as lideranças indígenas que chegavam ao Museu Indígena Dom Bosco, no qual eu pude ir com os meus trajes tradicionais. Eu não tinha muitos trajes, apenas o que a dona Judite tinha me dado e um tiara

emprestada. A cena das lideranças se cumprimentando em suas línguas nativas, Terena e Guarani, foi marcante e enfatizou a importância do protagonismo e da afirmação de identidade. Nessa consulta pública pude ver a força das lideranças indígenas, defendendo seus territórios e colocando em pauta as dificuldades de ter um profissional indígena da área do esporte para atuar nas aldeias. As falas das lideranças eram fortes e convictas da busca de melhorias. Me incentivou a ter mais convicções e de se impor.

Essa experiência representou um processo de autodescoberta e empoderamento, não apenas para mim, mas também para outros colegas indígenas que estavam no evento. O Programa Cidadania Viva ofereceu um espaço para compartilhamento de conhecimento e perspectivas entre jovens, fortalecendo nossa capacidade de contribuir para um futuro mais inclusivo.

3.d. Documentário Aldeia Limão Verde

Nos dois anos em que estive envolvida no Programa Cidadania Viva, meu foco esteve voltado para a juventude indígena. Durante esse tempo, realizei uma série de ações que tinham como objetivo principal a promoção da educação e da comunicação entre os jovens das comunidades indígenas. Essas ações envolveram a produção de podcasts, vídeos e mini documentários que exploravam as práticas educacionais, tudo isso alinhado com os princípios do Programa. Uma das atividades mais marcantes foi a realização de rodas de conversa nas aldeias. Nessas rodas, abordamos a importância da mídia como uma ferramenta poderosa na luta pelos direitos e na preservação das culturas indígenas. Também discutimos a relevância da continuidade dos estudos no ensino médio e superior para os estudantes indígenas, o que se mostrou uma temática fundamental para o desenvolvimento das comunidades. Durante esse período, estabeleci amizades com outros bolsistas indígenas que estavam em busca de suas próprias origens. Juntos, surgiu a ideia de realizar um documentário em uma aldeia indígena. A intenção era que esse projeto fosse conduzido na aldeia de um dos colegas, o que facilitaria a logística e acomodações para a equipe. Éramos um grupo de cinco bolsistas, cada um com uma história e vivência únicas relacionadas à cultura indígena.

Durante uma reunião de planejamento, debatemos sobre o local para a

produção do documentário, seus objetivos e o roteiro que seguiríamos. Após consideração conjunta, optamos por ir para a aldeia Limão Verde, onde viviam parentes de um dos bolsistas que prontamente se ofereceu para nos auxiliar. Nas aldeias, os sistemas de liderança são distintos dos encontrados nas cidades, com a presença de três lideranças distintas. Para obter a permissão necessária, contatamos as lideranças por meio de videoconferência, explicando nosso propósito de criar o documentário na Aldeia Limão Verde. O nosso objetivo com o documentário era narrar a história da aldeia e entrevistar alguns dos anciãos e jovens que ali residiam. À medida que me preparava para a viagem, meu pai demonstrou o desejo de me acompanhar até a aldeia Limão Verde, aproveitando sua folga no trabalho. Essa atitude me surpreendeu, pois ao longo dos anos, eu frequentemente o convidara para me acompanhar em minhas visitas às aldeias e compartilhar comigo essa jornada de autodescoberta. Sentia-me profundamente orgulhoso por seu apoio, mesmo que ele não pudesse estar presente fisicamente. Recentemente, tanto meu pai quanto minha mãe foram aprovados no vestibular da UFMS para o curso de turismo. Minha irmã já havia conquistado sua vaga no curso de direito da UFMS um ano antes. A decisão de meus pais em se matricularem na universidade abriu seus olhos para os desafios e oportunidades que o ensino superior proporciona. Eles puderam vivenciar de perto as experiências que eu havia enfrentado durante meus estudos, o que os fez compreender melhor as complexidades desse caminho. Acredito que o contato com novas pessoas, a busca por novos conhecimentos e a imersão no ambiente acadêmico despertaram neles o desejo de explorar novos horizontes e compartilhar suas próprias experiências com colegas e amigos. A trajetória acadêmica de minha família se tornou uma fonte de inspiração e motivação para todos nós, demonstrando que nunca é tarde para buscar o conhecimento e se envolver em novos desafios.



Figura 18: Meus pais no dia do trote na UFMS - comemorando a conquista de passar no vestibular

Então, meus colegas, meu pai e eu decidimos visitar a Aldeia Limão Verde. Todos nós seguimos de carro, e durante o percurso, meu pai foi tomado pela emoção ao passarmos pela trilha por onde costumava passar um antigo trem, que cruzava o município de Aquidauana. Ele compartilhou comigo que em sua infância, costumava viajar de trem com meu avô e que, nessas viagens, sempre compravam picolés de milho verde. Juntos, apreciavam as belas paisagens ao passarem pelo portal do Pantanal. Ver meu pai recordando esses momentos especiais de sua infância me deixou profundamente feliz e emocionada.



Figura 19: Meu pai, eu, Suelver, Adenilson e Andrey (que são bolsistas do Programa Cidadania Viva) indo para a aldeia Limão Verde

A antropóloga Manuela Carneiro da Cunha fala sobre o discurso forjado pelos "descobridores", relegando os gentios a um papel secundário na grande narrativa histórica. Ignorou-se a existência desses povos e suas sociedades organizadas e suas influências na formação da identidade brasileira. Adentraremos em um mundo ancestral no qual sempre esteve presente e sempre estará no futuro. Aldeia Limão Verde, uma terra onde o tempo se entrelaça com a história de um povo resiliente, os Terena.

Em uma terra marcada pelos imponentes Morros do Amparo, Vigia e a majestosa Serra de Santa Barbara, adentramos um capítulo esquecido da história do Brasil. A Terra Indígena Limão Verde, um lugar situado a cerca de 25 quilômetros do município de Aquidauana, onde as colinas testemunharam os feitos heroicos dos Terena durante a Guerra do Paraguai. Naquela época, os militares brasileiros reconheceram a força, autonomia e comprometimento dos Terena na defesa do Brasil. Eles lutaram com bravura para garantir a segurança da nação. No entanto, após o conflito, a prometida garantia de terras aos Terena não se concretizou. Pelo contrário, o período pós-guerra testemunhou uma intensificação da apropriação de terras indígenas por não indígenas, causando a perda das terras tradicionais dos Terena, como lembra Isac Pereira Dias.

O senhor Isac também compartilha uma história intrigante da época, quando alguns indígenas de Limão Verde fugiram para o rio Taquari, com medo de serem forçados a participar da guerra. Enquanto isso, o exército paraguaio encontrava refúgio aos pés do Morro do Amparo, enquanto o exército brasileiro, composto por indígenas e não indígenas, se escondia no topo do Morro do Vigia. Dali, eles mantinham uma visão ampla do território e podiam alertar suas tropas com sinais de aviso, se necessário. Essa é a origem dos nomes dos Morros do Amparo e Vigia.

A chegada à Aldeia Limão Verde foi um momento profundamente marcante. A visão daqueles imponentes morros cercado a aldeia, situados no epicentro de uma região historicamente marcada por conflitos em que muitos indígenas perderam suas terras e suas vidas, em grande parte devido às invasões de não indígenas, trouxe à tona uma confusão de sentimentos, incluindo tristeza e revolta. Ao chegarmos, fomos calorosamente recebidos na casa do senhor Dino, o avô do meu colega Suelver. Nosso objetivo foi realizar um documentário, mas de forma não invasiva, em um espaço de apenas dois dias, priorizando, sobretudo, as entrevistas com os anciãos. Eu assumi um papel de liderança na elaboração do cronograma e do roteiro. Minha principal preocupação era estabelecer um diálogo com as lideranças da aldeia e com os anciãos, seja tomando um café descontraído ou compartilhando um tereré, a fim de aprender com suas sabedorias ancestrais.

Quando se chega em um território indígena, e buscamos por algo, temos que ter em mente que não temos as respostas no tempo que desejamos, mas temos a percepção de que cada momento que vivemos e conversamos com os parentes, é uma forma de aprendizado e que na verdade, o verdadeiro objetivo é de simplesmente ouvir e ter a percepção de que as vezes fazemos perguntas tão vagas e nos deparamos com uma visão atemporal de um mundo desconhecido que possui uma diversidade e elementos desconhecidos na nossa visão tão pobre sobre a natureza, sobre a vida.

Nossa jornada começou bem cedo, quando meus colegas, meu pai e eu nos levantamos às quatro da manhã. O objetivo era compartilhar um chimarrão com o Seu Dino e dar início à gravação do documentário. Enquanto escutávamos Seu Dino, ele nos convertia por um passeio pela história da Aldeia Limão Verde e pelas lembranças felizes de sua infância. Com saudosismo, ele falou sobre as comidas tradicionais que costumavam ser preparadas com mais frequência, compartilhando histórias de sua juventude e

traçando o cenário da formação da comunidade no território indígena de Limão Verde. Seu Dino também expressou seu desejo profundo de que a juventude indígena se envolvesse na aprendizagem de sua própria cultura, evitando a perda dos trajes preciosos do povo Terena.

Já outro ancião, seu Natalicio, conta sobre seus parentes de ter que participar da Guerra e não queriam, e que muitos fugiram. Explicou sobre a transição dos povo Terena para vender seus produtos de artesanato e agricultura no centro de Aquidauna. Muitos levantavam as tres horas da manha para ir caminhando, até chegar no centro. Ele relata a conquista do povo terena em ter seu proprio espaço, um patrimonio cultural para vender no centro de Aquidauana.

Durante nossa visita, as mães e tias dos meus colegas se uniram em um esforço colaborativo para preparar comidas típicas do povo Terena. Eles dedicaram um dia inteiro à confecção do "bolo d'água", conhecido como "Hi hi", um bolo de mandioca cozido em folhas de bananeira. Este dia foi especialmente significativo para mim, uma vez que tive a oportunidade de aprender a fazer o Hi hi ao lado do meu pai, que nunca antes havia experimentado essa iguaria. A alegria de compartilhar e aprender a preparar comidas típicas de nossa própria cultura nos envolvidos.



Figura 20: Hihi - comida típica da cultura Terena

Conduzir meu pai nessa jornada, permitindo-lhe reconectar-se com suas raízes e vivenciar esses momentos preciosos, foi uma experiência profundamente significativapara mim. Durante boa parte de sua vida, ele havia reprimido sua herança cultural, mas agora, enfrentando os desafios da universidade, ele abraça de maneira mais afirmativasua identidade indígena e torna-se um defensor ativo de causas importantes, contribuindo para a transformação de sua própria universidade. Enquanto isso, meus colegas e eu estávamos totalmente dedicados a documentar e vivenciar a cada instante. Subimos o Morro Vigia e exploramos a caverna na aldeia, tendo a privilégio de apreciar a natureza e assumir papéis de protagonistas em nossa própria

história.



Figura 21: Registro no Morro Vígina na aldeia Limão Verde

3.e. Assembléia da Juventude Terena

No início do ano de 2023, durante o mês de janeiro, recebi um convite especial que marcaria o meu envolvimento na Assembleia da Juventude Terena, realizada na aldeia Mãe Terra – Território Indígena Cachoeirinha. Esta foi a minha primeira experiência participando desse evento e, ainda mais significativo, desempenhando um papel na equipe de organização.

Minha participação me proporcionou uma imersão profunda em uma série de atividades e um contato mais próximo com os parentes da região de Miranda. Durante a Assembleia, exploramos tópicos de grande importância, como as mudanças climáticas, a essencial demarcação das terras indígenas, nossa cultura rica e variada, além de discussões aprofundadas sobre políticas públicas.

Minha experiência na Assembleia começou de maneira inesquecível, com a dança da Ema com os meninos da região de Aquidauana, durante a cerimônia de abertura. O que não estava esperando era a surpreendente participação dos jovens da região de Miranda na dança. Todos foram convidados para fazer um círculo gigante em volta de algumas tochas apagadas que também estavam em forma de círculo, e isso foi feito na mata, onde não tinha nenhuma luz. Repentinamente, sons de animais como macacos, rugidos de onça e uivos de lobos começaram a ecoar. Esses sons vinham da densa mata fechada e se aproximavam de forma iminente, até que os homens entram no círculo e acendem as tochas e fazem o som dos animais ainda mais alto para dar início à dança. Alguns parentes me disseram que na cultura Terena, cada um de nós é representado por um guia na forma de um animal que habita na floresta. A apresentação dos guerreiros era espetacular, com todos vestidos

com saias de palha de buriti, cocar com pena de Ema e os rostos adornados com pinturas tradicionais.



Figura 22: Foto tirada por Yaña Terena (Comunicadora da Assembleia Terena) registro do Encontro da Juventude Terena de MS 2023

Conforme os homens iniciaram sua dança, me aproximei de um ancião que assistia à cerimônia e notei um tímido sorriso em seu rosto, seus olhos repletos de lágrimas. Tive a curiosidade de perguntar se ele próprio dançava quando era jovem, e ele confirmou, acrescentando que atualmente faz questão de acompanhar a juventude Terena que mantém viva a tradição do nosso povo. Durante o evento, presenciei momentos que deixaram marcas profundas em minha memória, instantes repletos de significado. Umadas cenas mais tocantes ocorreu quando diversos anciãos se posicionaram diante da mata, de onde emergia a dança. Era evidente a felicidade deles e o profundo respeito por aquele momento sagrado, o que foi registrado por uma parente Terena encarregada de documentar o evento. A presença de mídia nas aldeias Terena tem crescido nos últimos anos, com o estímulo à criação de conteúdo e documentação de todos os eventos, despertando o interesse dos jovens Terena.

Durante as assembleias e congressos, organizamos as tarefas de maneira colaborativa, com a juventude demonstrando uma união tão sólida que jovens de diferentes territórios frequentemente se deslocam para contribuir com a organização. Tive o privilégio de estar envolvida na organização, auxiliando na coordenação dos Grupos de Trabalho (GTs) e no registro dos participantes para o Desfile Miss e Mister Terena, que ocorreu no último dia da Assembleia. Senti uma responsabilidade particular ao liderar e mediar os GTs, mas estava disposta a contribuir, ouvir e aprender. Organizamos os GTs com base em temas específicos, atribuindo a cada professor indígena a responsabilidade de liderar a discussão de um tema com os estudantes presentes na Assembleia. Uma de nossas rodas de conversa foi com um grupo de estudantes do ensino médio, focando na temática de políticas públicas. Foi notável perceber que

muitos adolescentes não tinham um entendimento claro sobre o conceito de políticas públicas. Em conjunto com um professor de artes, conduzi a conversa, fazendo perguntas simples e relacionando-as ao cotidiano deles.



Figura 23: Foto tirada por Yaña Terena (Comunicadora da Assembleia Terena) registro do Encontro da Juventude Terena de MS 2023

Começamos discutindo suas experiências na escola, os aspectos que acreditavam que poderiam ser aprimorados e, a partir desse ponto, a conversa evoluiu naturalmente para seus sonhos profissionais e as necessidades que identificavam em suas aldeias para alcançar tais objetivos. O que mais me tocou foi a dedicação dos jovens durante essa conversa, com alguns deles tomando notas e manifestando o desejo de se tornarem lideranças indígenas. Tanto o professor quanto eu os encorajamos a não desistirem e apersistirem na luta por seus direitos.

A presença de um professor indígena nas aldeias, especialmente nas condições em que lecionam, é notável. Muitas aldeias carecem de recursos básicos, como eletricidade, água e cadeiras adequadas para os alunos, tornando ainda mais significativa a dedicação desses educadores. É gratificante testemunhar o empenho e a resiliência que eles demonstram na formação das crianças e jovens Terena, mesmo diante de desafios tão singulares.

3.f. ENEI 2022 – Ancestralidade e Contemporaneidade – Campinas



Figura 24: Foto registrada pela organização do ENEI 2022 em Campinas

No ano de 2022, tive a oportunidade de acompanhar virtualmente algumas mobilizações indígenas, particularmente o Acampamento Terra Livre (ATL) Este evento representa uma mobilização unificada dos povos originários de todo o Brasil e ocorre em Brasília. Acampamento Terra Livre é a maior assembleia de povos e organizações indígenas do Brasil, realizada anualmente em Brasília desde 2004. Este encontro acontece em abril, mas houve exceções em outros meses e unidades da Federação em momentos de análise conjuntural e direitos indígenas. O primeiro ATL surgiu de uma ocupação em frente ao Ministério da Justiça em Brasília, liderada por indígenas do sul do país e logo apoiada por outras regiões, principalmente da Amazônia e Nordeste. Essa mobilização era uma resposta à falta de progresso da Nova Política Indigenista, pactuada durante as eleições com o então candidato Luiz Inácio Lula da Silva. Os manifestantes reivindicavam a demarcação de terras indígenas, a criação do Conselho Superior de Política Indigenista, a contenção das invasões de territórios indígenas e o aumento da violência, bem como a participação dos povos indígenas na discussão de políticas relacionadas a eles. Os manifestantes ocuparam o salão verde do Congresso Nacional.

O ATL foi um marco histórico no movimento indígena, levando à formação da Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (Apib) em 2005. Essas lutas contínuas resultaram em conquistas significativas, como a criação do Conselho Nacional da Política Indigenista (CNPI) e a Política Nacional de Gestão Ambiental e Territorial das Terras Indígenas (PNGATI). Os ATLs geraram posicionamentos críticos sobre a política indigenista, instituições e políticas públicas, além de analisar governos anteriores, e um dos anos mais difíceis foi do governo Bolsonaro, que teve um aumento inexplicável de mortes dos povos indígenas, o genocídio aumentou. Essas mobilizações foi destacando o direito indígena à terra, políticas diferenciadas, autodeterminação e autonomia, além de rejeitar o indigenismo autoritário e integracionista. Essas posições foram documentadas nos resultados das assembleias e refletem demandas históricas do movimento indígena.

Infelizmente, não tive a oportunidade de participar fisicamente dessa mobilização nacional. No entanto, acompanhei atentamente a diversidade dos povos indígenas do Brasil através das redes sociais. Isso encheu meu coração de esperança de que as questões e desafios enfrentados pelo meu povo no Brasil possam ser resolvidos. A luta constante por reconhecimento, respeito,

visibilidade e espaço é uma realidade para todas as etnias do Brasil. Embora não tenha estado presente fisicamente, fiz o que estava ao meu alcance para compartilhar essa batalha diária dessas comunidades, seja no Instagram, no Facebook ou de qualquer outra maneira possível.

No entanto, surgiu a oportunidade para mim de participar do Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas de 2022, que aconteceu em Campinas, na Universidade de Campinas, a UNICAMP. O Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI) é um evento anual no Brasil que congrega estudantes indígenas de todas as regiões do país. Este encontro tem o propósito de proporcionar um espaço para discussões significativas, compartilhamento de experiências e mobilização em torno de questões cruciais relacionadas à educação, cultura, identidade e direitos dos povos indígenas. O ENEI tem como objetivo principal o fortalecimento da representatividade e das vozes dos estudantes indígenas. Além disso, busca ampliar a conscientização acerca das lutas e demandas desses povos, contribuindo para promover a igualdade e a justiça em sua trajetória.

Tive a oportunidade de participar do IX Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI), um evento que reuniu mais de 2 mil estudantes universitários indígenas na Universidade de Campinas (Unicamp). O encontro contemplou uma programação diversificada, composta por oficinas, debates, simpósios temáticos, atividades culturais e formativas, e congregou intelectuais, ativistas e artistas indígenas. O tema central do ENEI, "Ancestralidade e Contemporaneidade", abordou a relevância de reconhecer e integrar os saberes ancestrais nas dinâmicas e desafios do mundo moderno, em especial no âmbito acadêmico. Esse tema estimulou um debate profundo sobre a interseção entre a ancestralidade e o mundo contemporâneo, explorando os potenciais conflitos e os pontos de encontro que podem enriquecer a experiência universitária. A perspectiva adotada ressaltou a importância de aprofundar o diálogo acerca da ancestralidade e contemporaneidade, reconhecendo que essa interação pode gerar estranhamentos e impactos significativos. Além disso, enfatizou a ideia de que a universidade, longe de ser um espaço apenas de transmissão de conhecimento, pode ser também um ambiente de aprendizado recíproco. A troca de saberes e a transversalidade dos mundos culturais foram elementos cruciais para fortalecer os laços entre as comunidades acadêmicas e indígenas, promovendo uma compreensão

mútua enriquecedora.

Quando cheguei ao IX Encontro Nacional dos Estudantes Indígenas (ENEI) na Universidade de Campinas (UNICAMP), deparei-me com a riqueza da diversidade manifestada nos grafismos indígenas, nos traços dos trajes e nos discursos da juventude indígena. Cada etnia com o seu grafismo, trajes, língua materna, cantos e danças. Era um cenário enriquecedor, no qual nós, estudantes, levantávamos pautas relacionadas a questões sociais, educação e diversos outros assuntos de suma importância para a população indígena. Essa ação coletiva e o empoderamento da juventude indígena trouxeram um novo olhar sobre o papel do estudante indígena dentro e fora da universidade.



Figura 25: Foto do meu caderno de anotações do Enei 2022 em Campinas

No decorrer desse encontro, tive o privilégio de conhecer lideranças indígenas que também atuam como professores universitários. Eles compartilharam suas experiências, repletas de desafios enfrentados no âmbito acadêmico, mas que culminaram em torná-los figuras renomadas e respeitadas. Eles transmitiram uma importante mensagem sobre a interseção entre ancestralidade e contemporaneidade que permeia nossa realidade. Discutimos como podemos incorporar e expressar nossa identidade indígena na universidade, um espaço que nos convida a navegar por águas nem sempre tranquilas.

Ao longo do evento, participei de diversas rodas de conversa que abordaram a educação indígena, e nos Grupos de Trabalho (GTs) exploramos temas relacionados à educação, saúde, mídia como ferramenta para a luta indígena, arte e muitos outros tópicos. Essas discussões foram conduzidas por nós, estudantes indígenas, e pelos pesquisadores que já estão inseridos nas universidades. Nós compartilhamos nossas pesquisas, saberes que foi enriquecendo o conhecimento acadêmico com perspectivas ancestrais.

Valorizamos o ponto de vista dos povos originários e destacamos a importância de nossa presença nas universidades como uma contribuição significativa para a sociedade como um todo. Foi uma experiência marcante que ressaltou a vital importância de unir nossos saberes tradicionais com o conhecimento acadêmico para construir um futuro melhor.



Figura 26: Registro do grupo de estudantes indígenas que participaram do Estudo de Caso Systemiq no ENEI 2022

No ENEI eu quis aproveitar ao máximo, e como eu estava como ouvinte, pude ouvir pesquisadores indígenas e ansiosos que atuam nas universidades. Quando fui explorar o espaço do local que estava acontecendo o GTs, percebi que tinha uma equipe de jovens que estavam oferecendo bolsa de estudos para estudantes indígenas se conseguirem passar em duas etapas em um estudo de caso. A Systemiq é uma empresa que visa promover uma economia sustentável alinhada com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável e o Acordo de Paris. Eles se concentram em transformar cinco sistemas-chave: energia, natureza e alimentos, materiais, áreas urbanas e finanças. A abordagem da Systemiq envolve parcerias, consultoria especializada e investimentos em negócios em estágio inicial para impulsionar a mudança. Eles reúnem profissionais de diversos setores e colaboram com líderes da sociedade civil, governos e empresas. Seu objetivo é acelerar a transformação necessária para construir uma economia mais sustentável e próspera para todos. Neste estudo de caso, a SYSTEMIQ explicou que está auxiliando o Consórcio Amazônia Legal a desenvolver uma estratégia para construir uma economia orientada para a natureza e as pessoas na região amazônica. Os estados amazônicos pretendem regulamentar metade das florestas públicas não designadas na região, equivalente ao estado de São Paulo. O objetivo é agregar valor econômico às florestas existentes e evitar o desmatamento.

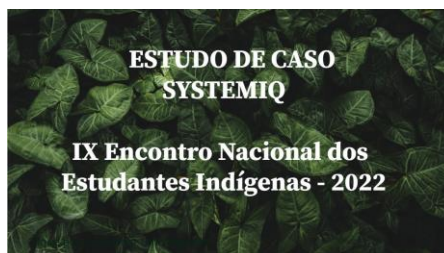


Figura 27: Capa do meu Estudo de Caso - Sistemiq

Este estudo de caso foi projetado para ser concluído em dois dias e apresenta uma série de perguntas para os participantes, incluindo a identificação de critérios de priorização para selecionar áreas a serem regulamentadas, atividades para agregar valor econômico às florestas existentes, estratégias para aumentar o valor econômico das florestas em territórios indígenas, envolvimento de diferentes atores, como comunidades indígenas, e recomendações para persuadir partes interessadas a apoiar o projeto. Quando cheguei no stand para fazer o cadastro, fiz amizade com dois parentes, um rapaz da etnia Guajajara e uma menina da etnia Karipúna. Como não tínhamos muito tempo, fizemos um grupo de tres pessoas e começamos a pensar sobre o estudo de caso, e tivemos a Liberdade de ter o tema " Como manter a floresta em pé? " Não saindo do estudo de caso, mas colocando a realidade dos povos indígenas para ter as possiveis solucoes, tendon a economia verde, fomento cultural e redução da poluição ambiental e desmatamento, até mesmo o deserto verde (pasto). O ENEI é um evento que é muito rico em diversidades, rodas de conversas e entre outras questões. Porem, não são todos os parentes que tem acesso a internet, hostels ou hotel para se acomodar. O ENEI é estilo acampamento. E como eu tive condições de estar hospedada e com acesso a internet, me prontifiquei em fazer a parte escrita do trabalho e os meus colegas deste estudo e eu, fomos fazer as anotações nos GTs que tinha haver com mudanças climáticas, economia, práticas tradicionais para manter a floresta em pé e até mesmo sobre física. Optamos por fazer esta pesquisa do Estudo de Caso dentro do próprio evento, dando um direcionamento na pesquisa nos pesquisadores indígenas. Foi um grande desafio fazer um Estudo de Caso, praticamente um projeto de pesquisa em dois dias, porem, eu estava disposta em aceitar desafios. Depois de muita conversa com o meu grupo, e de analisar todo o contexto e dos GTs o Estudo deu ênfase na análise do caso que resultou em uma série de critérios de priorização para a seleção de áreas a serem regulamentadas na região amazônica. O principal objetivo é a necessidade de uma consulta pública e

fiscalização com as comunidades locais. Isso garantiria a inclusão das comunidades no processo de regulamentação e priorização das áreas de maior importância sociocultural para os povos indígenas, bem como as de maior potencial econômico. Além disso, foram identificados critérios adicionais, como o potencial para cultivo de alimentos, considerando o conhecimento tradicional dos povos indígenas em técnicas de plantio. A fertilidade do solo, a disponibilidade de recursos hídricos e a conexão com a cadeia de distribuição de alimentos foram consideradas como critérios importantes para priorizar a demarcação de territórios. A insegurança alimentar na região amazônica foi destacada como um problema, apesar da riqueza em biodiversidade. A interseção entre áreas de insegurança alimentar e aquelas com potencial de cultivo foi apontada como crucial para combater a fome e gerar benefícios socioeconômicos. A importância de preservar áreas de alta biodiversidade, mesmo que não sejam as mais lucrativas, foi reconhecida. Produtividade e as práticas de manejo da terra realizadas por indígenas podem contribuir para combater as mudanças climáticas e atender aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU. A estruturação da economia regional foi discutida, incluindo a produção de alimentos tradicionais em restaurantes e quiosques indígenas, o fomento ao turismo e parcerias com gestões públicas e privadas. O apoio às prefeituras e aos comerciantes locais foi considerado essencial para o desenvolvimento econômico da região. A importância das empresas que adotam práticas responsáveis com o meio ambiente foi destacada, e os ambientalistas indígenas desempenham um papel fundamental na promoção do protagonismo indígena na economia e na pesquisa científica. Para envolver os povos indígenas no projeto, é essencial consultar as comunidades e considerar suas opiniões e perspectivas. A diversidade de pensamentos e funções entre os povos indígenas deve ser reconhecida, e o estudo sobre o impacto ambiental e cultural deve ser abordado de maneira universal. O estudo destaca a importância de priorizar áreas com base na consulta e aderência com as comunidades locais, promovendo o cultivo de alimentos, combatendo a insegurança alimentar, preservando áreas de alta biodiversidade e estabelecendo parcerias para o desenvolvimento econômico regional, com foco no protagonismo indígena e na sustentabilidade.



Figura 28: Proposta do estudo de caso pela própria Sistemiq



Figura 29: Meu slide com os criterios da proposta

Quando fui apresentar, descobri que a apresentação seria em um auditorio e que teria uma banca avaliadora. Foi um momento de muita tensão, pois tinha outros grupos de estudantes indígenas, e neste momento comecei anotar o que deveria e não deveria falar na apresentação. Os avaliadores eram pesquisadores que entendiam sobre o assunto e por isso, elaboraram perguntas e conduziu os grupos com observações. Fui o ultimo grupo a me apresentar, e meus colegas e eu, fizemos questão de ir trajados e pelo menos comprimir os avaliadores na lingua materna. Conduzimos a apresentação de uma forma muito leve, se apresentando e falando um pouco sobre a etnia de cada um. Ter essa convicção de fala e dizer sobre a propria cultura, e representar uma etnia, foi uma respinsabilidade que pude sentir na pele. Sinto que eu realmente precisava ter esse " choque " de poder participar de algo tão complexo. Foi enriquecedor conhecer meus colegas de Estudo e parentes de Luta. Pude notar os outros grupos que se prepararam e contou sobre sua propria etnia e costumes do povo. Tive a conclusão de que os estudantes indígenas que participaram do estudo, defendeu e mostrou todas as possiveis solucoes para ter uma uma economia verde com exelencia, e mostrou o protagonismo dos povos originarios para conduzir estas propostas e solucoes, mostrando a realidade cada povo e suas riquezas.

3.g. ENEI 2023 – Ti potiguara: análise da conjuntura da presença indígena no ensino superior

Após um ano de intenso aprendizado e dedicação, encontrei-me no décimo Encontro Nacional de Estudantes Indígenas (ENEI), que aconteceu no município de Rio Tinto, Paraíba. Esse evento, repleto de significado e experiências enriquecedoras, marcou o momento em que tive a honra de apresentar meu projeto de pesquisa, uma parte essencial do meu percurso acadêmico. A pesquisa concentra-se nas práticas musicais indígenas de estudantes do povo Terena, especificamente dos estudantes da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, estacando sua inegável importância cultural e seu impacto profundo nas vidas dos povos originários do Brasil. Meu projeto também abordou os desafios complexos enfrentados por esses povos, em virtude dos processos colonizadores que, ao importar valores alheios, interferiram significativamente não apenas no uso das línguas maternas, mas também nas representações identitárias e culturais. Os efeitos desse processo de colonização são profundos e perduram até os dias de hoje, afetando as comunidades indígenas de maneiras que só podemos começar a compreender. Uma das dimensões essenciais desse trabalho de pesquisa é a sua conexão direta com a educação escolar indígena. A Lei 11.645/2008, que tornou obrigatório o ensino de história e cultura indígena nas escolas brasileiras, desenvolveu uma nova abordagem na educação, enfatizando a necessidade de promover o respeito e o entendimento das culturas indígenas na sociedade em geral. Assim, minha pesquisa se insere nesse contexto educacional e aspira a contribuir para a promoção desse diálogo intercultural. Nesse momento singular durante o ENEI, ao apresentar meu projeto de pesquisa diante de colegas estudantes indígenas, acadêmicos e pesquisadores de todo o país, senti que estava compartilhando uma parte fundamental da minha jornada. A experiência foi profundamente enriquecedora e me motivou a continuar a explorar o potencial transformador da pesquisa acadêmica. Esta apresentação não representa apenas um marco em minha pesquisa, mas também um marco pessoal, reforçando minha determinação em contribuir para a preservação e revitalização das culturas indígenas por meio da música e do diálogo intercultural.



Figura 30: Eu apresentando trabalho no ENEI 2023 na Paraíba

Um dos pontos mais impactantes foi a representação significativa de pesquisadoras indígenas, todas oriundas da etnia Terena do Mato Grosso do Sul. Ver essas mulheres guerreiras compartilhando suas pesquisas e experiências com o público foi uma fonte de inspiração inesquecível. Elas irradiavam confiança, sabedoria e determinação, estabelecendo um novo padrão para a atuação feminina no âmbito da pesquisa acadêmica. Ao testemunhar o protagonismo dessas mulheres indígenas no ENEI, meu coração se encheu de orgulho e meu ânimo para continuar a minha própria jornada de pesquisa cresceu exponencialmente. Suas histórias e conquistas tornaram-se uma fonte de motivação adicional para mim, lembrando-me da importância da representatividade e da voz feminina nas esferas acadêmicas e culturais. A presença ativa e significativa das mulheres indígenas no evento ecoou a ideia de que a diversidade de vozes e perspectivas é essencial para o enriquecimento do conhecimento e para a promoção do diálogo intercultural. Fiquei profundamente tocada por testemunhar como essas mulheres quebravam barreiras e moldavam o rumo da pesquisa e da educação indígena no Brasil. Este momento no ENEI renovou meu compromisso em contribuir para a causa indígena e me inspirou a abraçar com mais força o papel de pesquisador em meu próprio caminho acadêmico. O empoderamento da mulher Terena e de todas as mulheres indígenas presentes no evento não apenas iluminou o Encontro Nacional de Estudantes Indígenas, mas também iluminou meu coração e mente, guiando-me em minha busca para entender, preservar e celebrar as ricas culturas indígenas do Brasil. O evento reuniu diversas lideranças indígenas de diferentes etnias e regiões do país, e suas palavras e discussões deixaram uma profunda impressão em mim.



Figura 31: Foto de todos os estudante indígenas do MS que apresentaram pesquisa no ENEI 2023



Figura 32: Gabriela Terena fazendo um grafismo feminino tradicional terena no meu rosto

Outro ponto que merece destaque é a necessidade de questionar toda a estrutura ocidental que permeia nossas vidas. As lideranças presentes enfatizaram a importância de uma transformação estrutural, que envolva não apenas o sistema educacional, mas também a sociedade como um todo. O objetivo não é apenas a luta pela permanência nas universidades, mas uma busca por uma permanência com sentido, onde o bem-estare a valorização das culturas indígenas sejam garantidos.

Um dos participantes, Luís Pataxó, destacou que o movimento indígena estudantil representa uma alternativa que fortalece os saberes indígenas. Ele enfatizou a importância de apoiar os estudantes do ensino médio para que, no futuro, possam ocupar espaços como o ENEI. A luta pela permanência também foi discutida como uma forma de vivenciar a cultura e ocupar espaços que não devem ser pensados à luz da lógica não indígena. Outra questão relevante levantada durante o encontro foi a invisibilidade dos povos indígenas do Sul do Brasil. Taira Xoklen, uma representante da região sul, salientou que o território e a universidade estão intrinsecamente ligados. Ela enfatizou que a universidade não é, por si só, um território indígena, mas que é necessário torná-la como tal. A importância de se sentirem pertencentes à universidade e a necessidade de combater a invisibilidade desses povos foram temas centrais

em suas reflexões. Além disso, ela destacou que o conhecimento tradicional indígena sempre terá um valor superior ao conhecimento científico.

O mercado de trabalho e o retorno aos territórios indígenas também foram tópicos de discussão. Alguns participantes compartilharam suas experiências, destacando o persistente racismo institucional no âmbito acadêmico e profissional. Muitos expressaram a necessidade de atuar fora de seus territórios de origem devido à falta de oportunidades em suas comunidades. No que se refere ao mercado de trabalho, foi enfatizada a importância de fazer a diferença e não se limitar a ocupar posições convencionais. Vitor do povo potiguara, enfatizou a influência positiva de professores potiguara em sua formação e expressou preocupação com o fato de haver mais estudantes indígenas no ensino superior do que no ensino médio. Ele apontou para a necessidade de políticas públicas e incentivos para manter e fortalecer a base de ensino que prepara as futuras gerações.

O evento também ressaltou a necessidade de pensar de forma mais coletiva e política, saindo da "caixinha" em que muitas vezes nos encontramos. A noção de que o corpo é parte fundamental do território cultural e a importância de cuidar das dificuldades dos parentes nesse processo foram elementos recorrentes nas discussões. O ENEI realizado no Território Indígena Potiguara foi um espaço riquíssimo de reflexão, debate e compartilhamento de saberes. As lideranças presentes nos lembraram da importância de questionar as estruturas vigentes, valorizar os conhecimentos tradicionais, combater a invisibilidade e promover uma transformação estrutural que promova o bem-estar e a permanência com sentido para os povos indígenas. Este evento nos inspira a repensar nosso compromisso com a causa indígena e a considerar como podemos contribuir para a luta desses povos em suas jornadas acadêmicas e sociais.

4. Conectando com a cultura e a música Terena

4.a. Música e dança Terena

As práticas musicais indígenas estão integradas em um contexto cultural complexo, e de modo geral, estão conectadas com rituais religiosos e de cura, com diversos tipos de danças, e narram as relações com o cotidiano de trabalho (plantio, colheita, etc.) e com a natureza.

Os povos indígenas do Brasil vivenciaram um dos maiores desafios identitários da história, a partir da chegada de invasores coloniais. Segundo Cunha (2018), os Terena e outras etnias indígenas, enfrentaram (e ainda enfrentam) a desestruturação de seu *kixoku vikeovo*, que significa “modo de viver”, nos costumes e crenças, resultando em um etnocentrismo. Esse novo modo de ser, que foi imposto pelos *purutuye* (não indígenas) trouxe valores que influenciaram a identidade e a comunicação entre os indígenas, afetando principalmente o uso da língua nativa, um dos mecanismos de imposição cultural.

Cunha (2018., p.71) descreve sobre a arte e a educação artística do povo terena, relatando que a identidade do povo tem uma representação artística não definida, pois as pinturas e danças, fazem parte da identidade e representatividade indígena do povo terena de acordo com a região. Por mais que seja a mesma etnia, não tem uma única representação da identidade terena. Embora os ensinamentos tradicionais sejam ensinados em casa pelos os pais e avós, e na escola, esses valores podem ser diversificados.

Os povos indígenas se diferenciam entre si e das outras culturas pelo jeito de realizar suas festas, de compor ou tocar música, ou nos trajes em momentos festivos. A explicação sobre a sua origem, está relacionada com a natureza e o e com o mundo ancestral. As cerimônias e rituais na aldeia, tem toda uma preparação do corpo, com as pinturas, canto terena, dança e os trajes com penas de ema, ou palha de buriti, bem como os objetos que são usados para simbolizar a luta e de relacionar-se com a natureza e com o mundo sobrenatural, reproduzindo narrativas e representações dos ancestrais que lutaram em momentos históricos do povo terena. Cunha, (2018) Ferreira (2009, p.402) e Ferreira Cunha (2021) explicam que a história sobre uma das danças do povo Terena, trata se do marco histórico do povo, que segundo um

koixomuneti (pajé) fala que após a guerra do Paraguai. Na Guerra do Paraguai e Brasil (1864- 1870), os povos terena estavam comprometidos com a defesa do território brasileiro. Desde então, precisa lembrar da luta e da resistência dos povos indígenas, que por essas circunstâncias, eles tomaram parte para defender suas terras, e lembrar do sangue do povo indígena terena que foram derramados durante a guerra. A dança que foi criada pelos os anciãos, simboliza um ritual de um trajeto de memória e histórias durante as batalhas, e dos indígenas que vivenciaram a guerra e morreram.

A dança da Híyokena Kipaé, mais conhecida como a dança da ema, é representada por homens guerreiros do povo terena. Existem dois tipos de guerreiros dentro da cultura terena, que são representados pela personalidade durante a dança e na vida. Os xúmono são os guerreiros calmos, e os surikikiono são os guerreiros rígidos. Ferreira Cunha (2021, p.731) diz que a dança da ema, tem sete momentos, e o primeiro momento da dança, é o koho'o, que significa o passo do pássaro que fica na lagoa, e tem a característica do tuiuí. Os passos são silenciosos para ir de encontro dos adversários. Neste primeiro momento da dança, o guerreiro que está a frente da dança como líder, começa a seguir os passos de acordo com o toque do bombo. O bombo é um instrumento de percussão, em que o indígena terena inicia as primeiras batidas para iniciar os primeiros passos no primeiro momento (koho'o). No segundo momento, começa a dança, com as duas fileiras, uma fileira só de xúmono e a outra dos guerreiros suríkikiono. A dança começa com os guerreiros segurando os bambus e percutindo o bambu, criando uma sincronia de passos. Nestes primeiros momentos da dança, significa o encontro com o adversário e a luta que percorre durante a jornada do povo terena. No terceiro momento, são utilizados o arco e a flecha, demonstrando a luta com seus instrumentos de defesa. Os outros movimentos da dança da ema, contam este trajeto de luta, porém, a ordem dos passos e da música, são diversificados em cada aldeia, ou seja, a dança e música tradicional segue características próprias. Assim como os homens têm a dança tradicional, as mulheres possuem uma dança que é uma prática cultural pertencente na cultura terena. De acordo com a pesquisadora indígena terena, Lindomar Lili Sebastião (2012., p.73) descreve os relatos de anciãs, que na dança da seputerena (dança tradicional) é significativa de forma ritualística, para homenagear os acontecimentos importantes que ocorrem na comunidade. Um exemplo para ter essas práticas, são as homenagens por ter o retorno do filho depois da caça, ou

a partida de alguém que mora na região. As danças se trata de um ritual que celebra os acontecimentos importantes para o povo terena. As vestimentas são confeccionadas com antecedência, e tem um preparo dos trajes com penas coloridas, acessórios de sementes e pinturas no rosto entre as mulheres. Na dança seputrena, as mulheres dançam com as duas mãos na cintura e movimentam os quadris de forma coletiva e síncrona juntamente com o pife (uma flauta).

4.b. Aldeia Bananal: meus primeiros passos como um ser transitório em territórios do povo Terena

No início deste meu envolvimento nas redes sociais, comecei a abordar questões profundas, como a demarcação de terras, a cultura indígena e a educação indígena. Durante esse processo, estabeleci conexões com jovens da etnia Terena, em especial com um jovem estudante que vivia na Aldeia Bananal, localizada em Aquidauana, no estado de Mato Grosso do Sul. O convite para visitar a Aldeia Bananal surgiu como resultado dessa amizade virtual, e eu estava ansiosa para explorar essa oportunidade. Meu desejo de compreender a realidade da juventude Terena e a diversidade de tópicos que envolvem sua cultura, estudos e desafios cresceu consideravelmente. Essa experiência me levou a questionar aspectos que, até então, não havia explorado profundamente. Minha ansiedade em conhecer a Aldeia Bananal me motivou a me preparar para a visita à aldeia do meu amigo. Foi nesse momento que dei os primeiros passos na imersão e na integração nos territórios que têm parentes com vivências, alegrias e resistência. A oportunidade de vivenciar essa realidade me proporcionou uma visão mais ampla e profunda da cultura Terena, incentivando-me a continuar explorando e questionando questões que antes eram desconhecidas para mim.

Quando cheguei à Aldeia Bananal, percebi que era um dia de festividade, pois estavam inaugurando uma sala de informática. Todos os moradores estavam reunidos em volta de um campo, onde a terra vermelha se erguia quando o vento soprava. Pais e filhos estavam se pintando e vestindo trajes com penas de ema. Algumas crianças menores estavam com pedaços menores de taquara, se preparando para dançar. As mulheres e meninas se arrumavam, colocando colares de sementes e brincos de pena para a dança.

Observar toda essa preparação despertou em mim uma sensação indescritível. O cenário que se desenrolava à minha frente me proporcionou uma nova perspectiva sobre o que é a "performance musical", mesmo que esta seja uma tradição. Ver a preparação em si me fez compreender que a preparação para a dança já é parte integrante do ritual. Observar as pessoas pintando o rosto umas das outras, compartilhando acessórios e ver as crianças ensaiando os passos revelou uma sincronia de movimentos que me fez refletir sobre como esses movimentos corporais, desde o ato de erguer o braço para pintar o rosto de um parente até o ajuste das roupas e a colocação dos brincos e acessórios, evocam em minha imaginação diversas linhas de movimento transmitidas ao longo de muitas gerações, há muitos anos, e que continuam a ser realizadas até os dias atuais. Neste evento, havia dois anciãos que estavam debaixo de uma tenda, segurando o bombo pequeno feito com pele de animal e o pife (flauta tradicional). Logo em seguida, uma anciã me convidou para dançar a dança tradicional feminina. Eu não conhecia os passos, mas aceitei o convite. Dona Judite, a anciã que me convidou, me ajudou a vestir as roupas e os acessórios. A dança ocorreu no campo de terra, e mais de 100 mulheres estavam dançando. A sensação de dançar foi algo completamente novo para mim, essa vivência de pertencimento me trouxe uma determinação como mulher indígena. Depois de dançar e ficar emocionada por participar pela primeira vez da dança tradicional, pude apreciar a dança da Ema, que é uma dança tradicional dos homens.

Quando a dança da Ema começou, observei que os homens formavam duas fileiras e davam passos lentos e silenciosos, seguindo em uma única direção, sendo guiados pelo som do bombo e segurando as taquaras nas laterais do corpo. Pela primeira vez, não tentei fazer uma análise musical em tempo real; apenas vivenciei o momento como uma descoberta que não precisa de rótulos, críticas ou julgamentos. Não precisa de uma análise eurocêntrica, pois nos tornamos medíocres quando adotamos um olhar superficial e preconceituoso em relação à música ou manifestações culturais que não estão presentes do nosso dia dia. A sincronia dos passos dos guerreiros não estava em todos dando o mesmo passo ao mesmo tempo, mas sim os homens na frente determinando o passo, e os demais pisando exatamente onde os líderes haviam pisado.

Em seguida, o bombo e a flauta começaram a tocar, e os guerreiros

dançaram com taquaras, realizando movimentos percussivos com elas. A dança era regida pelo toque contínuo do bombo e da pife, proporcionando uma variedade de passos na dança. Confesso que naquele dia, não analisei os passos, apenas vivenciei e observei as características da Aldeia Bananal. Foi então que comecei a perceber a diversidade e singularidade de cada aldeia. O que aprendi naquele momento é que a demonstração de afeto está presente em cada detalhe dessa jornada. Os anciões têm um conhecimento profundo dos costumes do povo Terena e fazem o possível para transmitir esse conhecimento. Nas aldeias, os mais velhos são respeitados por todos, e na cultura Terena, os anciões são especialmente valorizados pela comunidade. A organização das festas e danças tradicionais do povo Terena é um esforço conjunto, onde todos participam e compartilham. Percebi que não há algo bom que não seja compartilhado com o próximo. Lembrei muito do meu pai e do meu avô durante minha visita à Aldeia Bananal, pois vi neles um comportamento respeitoso um com o outro, que ficam horas tendo conversas sobre tudo e com muita calma, transmitindo esses ensinamentos de geração em geração com amor e atenção. Não há pressa na hora de ensinar, de rir, de começar ou recomeçar. Dona Judite teve toda a paciência do mundo para me ensinar os passos, vestir as roupas e os acessórios, e isso me fez refletir sobre como conduzimos o conhecimento para as futuras gerações. Muitas vezes, negligenciamos a paciência e o tempo necessário, questionando se estamos fazendo a coisa certa. Descobri que não há pressa nem falta de tempo para absorver esses conhecimentos. Foi uma lição valiosa, e minha jornada na Aldeia Bananal me mostrou que a forma como nos deixamos guiar por quem está ensinando é o que nos impulsiona adiante.

4.c. 1º. Abril Indígena Universitário na UFMS



Figura 33: Foto de divulgação do Abril Indígena Universitario, que reuniu todos os

acadêmicos indígenas que estudam na UFMS

No dia 29 de abril de 2022, aconteceu um evento com alunos indígenas da UFMS e outros acadêmicos de universidades da região. O evento, organizado pela Rede Saberes, trouxe uma exposição cultural dos povos indígenas, terena e kadiwéu no corredor central da UFMS.

Para muitos, isso se chama ‘ evento ‘ até pensei isso no começo.. Mas depois comecei perceber que essa ação foi muito importante, e muito além de uma exposição. A resistência e a luta pelo o nosso espaço e direito, cria uma união de jovens que estão presentes para mostrar que nós como indígenas, podemos escrever a nossa história, a nossa pesquisa e falar que não vamos aceitar preconceito dentro e fora das universidades.

Primeiro Momento

Chegando na UFMS, pensei que teria um apoio da UFMS para divulgar a ação, mas não tinha ninguém da comunicação/ tvufms para ajudar a ter essa visibilidade. Porém, fomos surpreendidos com a TV morena para fazer entrevista e gravar a Híyokena Kipâe (dança masculina). Fui pegar o bombo para tocar o bombo, e me perguntaram se iria fazer o “ Cohoo” e eu não me lembrava o que era o cohoo. Então, perguntei para o rapaz que estava chegando com a flauta, ele me disse que é a entrada da dança, mas como a câmera já estava ligada para entrar ao vivo na tv morena, e então não fizemos o cohoo. Depois lembrei que o "Cohoo" são passos marcados junto com o toque do bombo, uma preparação um pouco atenta e precisa.

Percebi que tem o grito do líder, no início e no final da dança, e que isso é uma parte que não pode faltar nas danças, pois quem puxa a dança, é o responsável por liderar seus parentes desde o cohoo até o final da dança.

Neste primeiro momento que toquei, percebi que cada músico tem o “ toque pessoal” que eu faço uma batida ou uma sequência melódica na flauta, que é livre. São ritmos e melodias contínuas, que criam essa conexão com a dança, que compõe gestos sagrados usando bambus.

Segunda Dança

Como essa primeira dança foi meio que na pressa por conta de estar ao vivo na TV, faltou muita gente, então quando começou a chegar outros

parentes, todos pararam de dançar e foram ajudar esses parentes a se vestir com os trajes. Todos os homens passaram tinta branca e cinza no corpo e no rosto, para participar da dança novamente. Uma curiosidade neste momento, era que tinha indígenas kadiwéu dançando a Híyokena Kipâe. Foi um momento emocionante ver essa união, e que apesar de não ter muitos indígenas kadiwéu, todos os terenas dançaram a dança tradicional kadiwéu só que como não ensaiamos a dança kadiwéu, a música foi tocada por um pendrive.

A segunda dança tinha mais pessoas participando, pessoas de outras aldeias que gostaria de colocar um gesto específico do bambu na dança. Explicando melhor sobre esses gestos, é preciso entender que os gestos feitos com o bambu são variados, cada aldeia tem suas características.

Quando todos se encontram, existe uma combinação antes da dança, e para que isso seja feito de uma forma mais prática e rápida de se aprender, a pessoa que quer mostrar aquele gesto que pertence a sua aldeia, fica como o líder da dança (lembrando que a liderança são de duas pessoas que estão como par, porém, só uma dá o grito)

Quando fui tocar pela segunda vez, senti um pouco mais segura, mas percebi que as vezes eu tocava mais devagar, apesar de eu estar tocando mais lento, os parentes não dançavam mais lento por conta disso, é algo independente quando já está no meio da dança.

Dança Seputerena

Chegou em um momento que um rapaz me pediu as baquetas para ele tocar a dança feminina, então dei as baquetas e fiquei observando. Como ele simplesmente quis tocar e não conversou com o rapaz da flauta, a dança saiu legal, mas o rapaz da flauta estava tocando a dança feminina como é tocado na aldeia dele e isso gerou uma confusão entre os dois músicos. Mesmo com essas diferenças, os dois seguiram tocando e as meninas dançaram. Uma das meninas falou que falou que faltou o grito, e que na próxima dança, a líder tem que dar o grito para iniciar a dança. Como tinha meninas de outras aldeias neste evento, percebi que os passos variam muito também. Da aldeia bananal era o mais difícil, e os outros tinham menos movimentos então optaram por fazer o que tinha menos movimento nessa primeira dança, e mais tarde, todas iriam dançar com os passos igual da aldeia bananal. **Dança Nabaknaganaga (kadiwéu)** Depois de dança terena feminina, as líderes da dança foram duas

meninas da etnia kadiwéu, para mostrar os passos de sua dança tradicional. Achei muito interessante essa dança por ter um movimento mais solto da parte superior do corpo, uma forma mais leve e com gestos mais “redondos” diferente da dança terena femina que os gestos são mais na parte do quadril e pés só que “acentuados”.

Roda de conversa

Depois das apresentações das danças das etnias terena e kadiweu, a maioria dos dos jovens se reuniram para tomar tereré e conversar sobre os costumes de cada aldeia, e dos anciãos vivos que estão no MS. Nesta roda de conversa pude perceber as diferenças de algumas aldeias, e poder entender melhor a relação entre o ancião praticante dos rituais sagrados e pessoas evangélicas que vivem no mesmo ambiente. Repassando um pouco do que eu escutei, disseram que algumas aldeias têm o respeito por pessoas que continuam praticando os rituais, outras nem tanto. Porém, quando existem enfermidades dentro das aldeias, esses anciões são procurados por evangélicos e católicos.

Um rapaz que estava na roda de conversa perguntou para o grupo; “qual é a árvore sagrada do povo terena?” Ninguém soube responder, e então ele disse que a árvore de Jatobá era a nossa árvore sagrada e que nos protege. Ele disse que uma anciã e curadeira de sua aldeia, disse que a árvore de jatobá era a nossa proteção, e que todos deveriam ter um pé de jatobá em casa, pois o fruto do jatobá fica dentro de uma casca resistente, e quem tiver inveja ou que deseja o mal para tal pessoa, esses espíritos de inveja fica preso no jatobá, como se ela se alimenta disso. O curioso é que nas aldeias, os pés de jatobá produzem uma quantidade absurda do fruto, e isso vira uma fonte de alimento para toda a comunidade. O plantio e a colheita para os terenas é algo sagrado, tem tempo para cada momento. E assim como tem tempo para colher, tem o tempo dos rituais para pedir proteção. Nessa roda de conversa tinha muitas histórias de diversas aldeias, foi interessante saber sobre outros parentes.

4.d. Híyokena Kipâe com os parentes de Aquidauna



Figura 34: Foto da minha primeira apresentação com o grupo de dança tradicional Terena da região de Aquidauana

Em um cenário repleto de significados e memórias ancestrais, encontro-me na imersão de uma vivência singular: a execução da "Híyokena Kipê", a Dança da Ema, em colaboração com os meus conterrâneos Terena que moram no Território Indígena Ípegue (Região de Aquidauana). A oportunidade desdobrou-se a partir de um convite para minha participação em um sarau organizado pelo Governo Estadual. Nesse contexto de encontro e reconexão com as raízes culturais, deparei-me com a notável peculiaridade que emerge das tradições do meu próprio povo. Conforme fui conhecendo mais os estudantes do meu próprio povo e trocando saberes, comecei a ter mais profundidade com os parentes de Aquidauana devido à proximidade com a música e as danças tradicionais Terena. A essência dessa ligação residiu na proximidade compartilhada com as melodias, ritmos e rituais que definem as danças tradicionais Terena. Nessa vivência que me arrebatou e elevou-me ao patamar do entendimento cultural, os parentes da região de Aquidauana distinguiram-se por sua dedicação aos trajes tradicionais e seu zelo pela pureza da prática musical. A valorização da autenticidade era uma tônica, na medida em que asseguravam que as danças fossem sempre executadas com instrumentos reais. É nesse contexto que surgiu assuntos com alguns parentes de que em algumas aldeias distantes próximas as cidades, as tradições musicais estavam esquecidas pelo o próprio povo, uma vez que a escassez de músicos agravava a situação.

Foi nesse instante de reflexão que me vi questionar a razão da minha maior afinidade com os parentes de Aquidauana, em detrimento dos parentes de Miranda, onde meus próprios tios e primos moram. Cheguei a concluir que

não há um lugar certo para aprender, apenas a busca por esse conhecimento com o meu próprio povo e ajudar outros parentes a recuperar a tradição Terena. A preparação para o evento suscitou a necessidade de uma imersão profunda no com os guerreiros dançarinos, a fim de cimentar laços de confiança. Aproximei-me daqueles que expressavam preocupações e escutei se eu sabia tocar o "Cooho". No entanto, uma nova interrogação se ergueu: qual era a cadência específica do "Cooho" tradicionalmente tocado em sua aldeia?

Com gentileza e solicitude, o líder da dança, que conduziria todos os passos da dança, me ensinou "Cooho" que ele toca em sua aldeia de origem. E mais, gentilmente me apresentou o ritmo característico da localidade à qual pertencia. A tensão inicial que abraçara meu ser deu lugar à confiança inabalável, e meus anseios se tornaram segurança em meu propósito. Em um ato de colaboração, jovens de uma aldeia de Sidrolândia me ajudaram a colocar os trajes tradicionais e fez os grafismos no meu rosto e nos meus braços e pernas. Meus olhos se fixaram nas tochas de fogo que estavam na ponta das taquaras pelas mãos dos líderes da dança, que, com passos meticulosos, conduziram os demais guerreiros na direção do pátio cerimonial. O momento inicial dos primeiros toques do Cooho era de muita atenção e emoção oi um momento histórico para mim, onde pude notar a preciosidade de minha cultura e o carinho imenso que tenho pelos meus parentes. Durante essa jornada, ficou nítida a inexistência de quaisquer preconceitos de gênero ou olhares machistas que tentassem obstruir minha contribuição na execução musical. Pelo contrário, fui recebida com carinho e respeito por todos, com uma atenção dedicada à minha aprendizagem. E, assim, fui inserida em um tecido cultural no qual minha atuação não só era valorizada, mas também fundamental para a preservação das tradições Terena.



Figura 35: Foto da minha primeira apresentação com o grupo de dança tradicional Terena da região de Aquidauana - momento do Cooho

Na efervescência desse relato, emerge a compreensão de que a dança é

o fio condutor que une meu ser às raízes ancestrais e fortalece os laços que me ligam aos meus parentes. Nessa sinfonia de aprendizado e partilha, encontro a constância de minha identidade Terena, enraizada na resiliência, na dedicação e no amor pela minha cultura. Cada passo, cada ritmo e cada toque são a prova viva de que a cultura transcende o tempo e as adversidades, mantendo-se viva por meio da dedicação incansável das comunidades.

4.e. Povos indígenas no Brasil: diversidade cultural, equívocos e (r)existencia

Particpei de um curso online oferecido pela Escola Itaú Cultural que abordava a diversidade da cultura indígena no âmbito da musicalidade e da resistência dos povos. O curso estava dividido em três eixos: Sociodiversidade e sonoridade indígena, Cosmopercepções e musicalidades indígenas, e Musicalidades indígenas em trânsito. Minha expectativa ao ingressar neste curso era compreender a diversidade dos povos indígenas e como funcionam a musicalidade, os costumes e os modos de pensar. No entanto, antes de adentrarmos nesse universo das musicalidades, o curso teve início com um enfoque na literatura indígena, sob a orientação da professora Julie Dorrico, que é uma professora indígena.

De acordo com Julie Dorrico, professora indígena, a palavra é um elemento sagrado para os povos indígenas, tão sagrado quanto a terra que habitam. Ela desempenha um papel essencial na lembrança das histórias ancestrais, na celebração de eventos importantes e na transmissão de conhecimento sobre cura, reverência a todos os seres, humanos e não humanos. Destaca-se que essas histórias são passadas de geração em geração, fornecendo uma ligação profunda com as árvores, pessoas, rios, animais, plantas e constelações. A professora ressalta que, até a promulgação da Constituição Federal de 1988, a palavra indígena permaneceu principalmente na tradição oral, resistindo às ameaças representadas pelo mito da integração. A partir dos direitos garantidos na Constituição e na Convenção 169 da OIT, os povos indígenas no Brasil conseguiram registrar suas histórias, tradições e experiências em territórios rurais e urbanos através da escrita. Isso marcou o início de sua luta pelo direito de representar suas próprias identidades e destinos, que haviam sido violados durante muitos anos pela política indigenista no país. A professora destaca que, de acordo com o

último censo do IBGE, existem 305 povos indígenas no Brasil, que falam 274 línguas diferentes. No entanto, eles continuam enfrentando a invisibilidade e o silenciamento. Ela espera que a Mostra de Literatura Indígena possa contribuir para o reconhecimento dos povos indígenas em seu próprio território e que a sociedade compreenda a importância de viver em harmonia com a natureza. Ela enfatiza que, quando os autores indígenas começaram a publicar livros na década de 1990, romperam com a ideia de que só poderiam ser narradores de suas próprias histórias, assumindo o papel de escritores e autores individuais. Eles buscaram seu lugar na literatura brasileira, desafiando a tradicional tutela epistemológica. Ela destaca que essa Mostra é uma oportunidade para aqueles que desejam conhecer a literatura indígena e as políticas de identidade indígena no Brasil, e para reconhecer o valor da diversidade cultural e literária do país.

O entrelaçamento da música com os Saberes Indígenas

O professor Ailton Krenak, que é um sábio e um dos pioneiros da literatura indígena, diz sobre o entrelaçamento da música, que nós indígenas temos a singularidade de se expressar. Krenak fala que é uma oportunidade da gente entender a música como o campo da transcendência, do espírito. Ele cita as Mitológicas, obra em 4 volumes do antropólogo Claude Lévi – Strauss (1908 – 2009) de que a música se origina dentro dos mitos. Ailton Krenak enfatiza de que a música não é um produto da cultura, a música é expressão do espírito. Essa experiência informada para os povos indígenas como uma cosmovisão. Alguns exemplos que estão presentes na musicalidade indígena e que é conhecida, é o toco por exemplo, que é entoada e feita no coletivo com cantos e pisadas marcantes, onde abrange variações rítmicas e melódicas que ecoam no ambiente sagrado. Krenak cita a música “De onde vem o baião” (1992) do canto e compositor Gilberto Gil, que tem o trecho diz “Vem debaixo do barro do chão”, que é essa transcendência, e uma experiência transcendental.

O Professor Ailton fala que os instrumentos como o maraca, que é um objeto sagrado, e que todos os instrumentos indígenas têm vida própria, mensagens próprias. Na visão de Krenak, essa experiência de envocar os encantados, é tão comum, imperceptível na visão do indígena. Achei interessante que Krenak cita um líder indígena e cineasta Carlos Papá, que é um do povo Guarani Mbya. E eu já tinha ouvido o canto do povo guarani, e ele cita justamente o canto que mais me chamou atenção, que foi o “Nhe´ e Porã” que

foi cantado no ENEI 2022. E o professor finaliza sua participação do curso dizendo que o entrelaçamento dos saberes indígenas e da música é o "silêncio". Confesso que tudo que o professor explicou, fez todo sentido e me fez refletir e começar a direcionar meus pensamentos e tudo que faço, em relação música, dança, que é essa leveza e adentrar de seu próprio eu, da sua própria floresta.

Instrumentos sonoros indígenas e suas relações com outros saberes

O Professor Pedro Paulo Sales discute a relevância dos instrumentos indígenas, em particular o trompete, ao longo da história. Esses instrumentos desempenharam um papel significativo e são mencionados em diversos contextos. Por exemplo, na carta de Pedro Vaz, datada de 1500, observou-se a presença de instrumentos musicais entre os indígenas. Além disso, Hans Staden, em 1557, registrou a utilização desses instrumentos no Brasil, o que destaca sua importância na cultura indígena, especialmente no contexto do povo tupinambá. Nesta análise, serão explorados em detalhes os aspectos relacionados aos instrumentos indígenas, com ênfase no trompete e sua relevância histórica.

Em nossa conversa com o Professor Pedro Paulo, exploramos a riqueza da música indígena e seu significado profundo nas culturas dos povos originários. Ele compartilhou insights fascinantes sobre instrumentos de sopro indígenas e mencionou o filme "Iburi – Trompete dos Ticuna", que oferece uma visão aprofundada do processo de criação e uso do trompete Iburi, um instrumento de importância vital para a etnia Ticuna.

O filme descreve como o trompete Iburi desempenha um papel fundamental nas celebrações da Festa da Moça Nova, um ritual de iniciação feminina na cultura Ticuna. Durante esse ritual, a jovem que menstrua pela primeira vez entra em reclusão, permanecendo isolada até a preparação de sua festa, quando finalmente sai desse período. O que é intrigante é que os instrumentos que a aconselham durante sua reclusão são mantidos ocultos, sendo estritamente proibido que mulheres, crianças e, especialmente, a própria moça iniciada tenham acesso a eles. Essa proibição faz parte da tradição e do simbolismo da cerimônia.

Paralelamente ao enfoque na construção do Iburi, o filme também narra a história de To'oena, conhecida como a "primeira moça nova". Ela desafiou esse tabu em tempos mitológicos e pagou um alto preço por isso, inclusive com sua própria vida.

Durante o curso, o Professor Pedro Paulo nos convidou a refletir sobre o conceito de "música". Ele destacou que, para a maioria dos povos originários, a música desempenha um papel central em suas vidas e em sua organização social. Nas aldeias, como a dos Enawenê-nawê, localizada em Mato Grosso, as flautas são guardadas na casa no centro do pátio. É comum ouvir os mais velhos enfatizarem a importância de seus cantos, que são considerados tesouros preciosos para o povo indígena. Como mencionado por ele, em muitos desses grupos, não existe um termo genérico equivalente à nossa concepção de "música", pois a música está intrinsecamente ligada a todos os aspectos de suas vidas, incluindo o crescimento das colheitas, o controle do clima, a formação das crianças, a cura de doenças e a preservação das tradições culturais. A música é essencial na construção da identidade dos jovens indígenas, pois desempenha um papel significativo em suas práticas e tradições tradicionais.

O que o professor explicou tem coerência ao que já havia ouvido anteriormente do Professor Ailton Krenak. Ambos ressaltaram o papel fundamental da música, do canto e dos próprios instrumentos nas culturas indígenas. A música não é apenas uma expressão artística, mas também desempenha funções vitais nas vidas dessas comunidades. Ela está intrinsecamente ligada ao crescimento das colheitas, ao controle do clima, à formação das crianças, à cura de doenças e à perpetuação das práticas tradicionais. A música fortalece a identidade e mantém vivas as ricas tradições do povo indígena. Ouvir essas narrativas me fez perceber o quão importante é aprender os cantos, tocar os instrumentos e participar das danças que compõem as práticas tradicionais. Essas experiências não apenas enriquecem a cultura indígena, mas também são essenciais para a formação identitária dos jovens indígenas. Curiosamente, em muitas dessas comunidades, não existe um termo genérico equivalente ao nosso conceito de "música". A música está tão entrelaçada com suas vidas que é desafiador traduzi-la de maneira simplista, o que ressalta a profundidade e a integralidade de sua relação com a música em seu sentido mais amplo e significativo.

Música e Cosmopolítica

Neste capítulo de leitura do curso, tenho explorado o conceito proposto por Bruno Latour (1947-2022) e Isabelle Stengers (1949), que ressalta o direito político de outras culturas habitarem cosmos (mundo) que não se enquadram no paradigma do pensamento científico ocidental. Essa visão me fez refletir

sobre a cosmologia ameríndia, que engloba as visões de mundo, mitos e entendimentos espirituais das populações indígenas. Essas culturas têm uma compreensão única do tempo, espaço e realidade, cada uma com sua cosmologia distinta, repleta de mitos, rituais e práticas que refletem suas experiências e relações peculiares com o mundo natural e o transcendental (Camêu, 1977, p. 191).

Entendi que a relação com os instrumentos indígenas é complexa e está em constante evolução, sem uma definição definitiva. Isso ocorre devido às características dos materiais utilizados e aos processos de construção dos instrumentos, bem como à forma como são empregados. Paralelamente, a música vocal varia de grupo para grupo, e os instrumentos acompanham essa variação. Cada etnia traz sua própria interpretação e modificações aos instrumentos, tornando a experiência musical única em cada contexto. Percebo, portanto, que se trata de uma evolução contínua, sem um ponto final definitivo.

Essas reflexões têm enriquecido meu entendimento sobre a diversidade cultural e musical das populações indígenas e como essa diversidade é moldada por suas cosmologias únicas. Estou ansioso para continuar explorando esses temas ao longo do curso e ampliar meu conhecimento sobre as riquezas das culturas indígenas e suas manifestações musicais.

Música Indígena contemporânea

Este capítulo do curso foi ministrado pela Brisa de la Cordillera, que é conhecida como Brisa Flow MC, é uma artista araucana que desempenha diversos papéis na cena cultural. Como filha de artes araucanos, ela conduz pesquisas e defende a importância da música indígena contemporânea, da arte dos povos originários e do rap como ferramentas essenciais na luta contra o epistemicídio, contribuindo assim para a preservação e promoção das ricas tradições culturais indígenas. Tenho uma grande admiração pela Brisa, porque me espelho artisticamente nela, e saber que ela irá ministrar sobre esse tema, me trouxe uma certa euforia. Brisa falou sobre o rap indígena e dos pioneiros da arte indígena contemporânea na literatura. Brisa cita a Silvia Rivera Cusicanqui, que é uma proeminente socióloga e ativista boliviana com herança aimará. Ela está associada ao movimento indígena catarista e ao movimento dos cocaleiros. Em 1983, foi cofundadora da Oficina de História Oral Andina, com foco nos movimentos sociais indígenas e populares, principalmente na região aimará. Silvia é uma autora talentosa, cineasta e

professora de sociologia há mais de duas décadas na Universidad Mayor de San Andrés, em La Paz. Brisa falou sobre o termo “ Aquilombamento urbano” que significa que temos um pensamento entre a divisão entre a cidade e a floresta, mas de baixo do concreto, é floresta também, e nossas ações ancestrais está presente nas florestas e nas ruas, que também são floresta. E o rap é como uma ferramenta de aquilombar. Segundo Brisa, o rap não é considerado como música para alguns musicólogos. Pensar o rap com tipos de sonoridade, línguas nativas na língua portuguesa, abrange na cosmovisão. A cosmovisão que tem esse Sistema complexo de concepções, valores e crenças que procedem uma compreensão do mundo. Para Brisa Flow, o pensar no conceito de “ música” como algo humano (palpável) nos afasta da cosmovisão de muitos povos que acreditam que os cantos nascem nas montanhas, nos rios e nos ventos.

“Em um país com mais de 300 povos indígenas, como podemos saber tão pouco sobre a musicalidade indígena?”

A apresentação da Professora Magna Pucci destacou a longa negligência das expressões musicais indígenas, que permaneceram ignoradas e desconhecidas no Brasil por quatro séculos. Esse equívoco inicial pode ser observado nos relatos de viajantes e pesquisadores dos primeiros séculos de colonização, que frequentemente usavam termos pejorativos, como "ruidosas, estridentes e desagradáveis," para descrever essas expressões. Essa escuta eurocêntrica contribuiu para o apagamento e o silenciamento das vozes indígenas. Mesmo após a implementação da Lei nº 11.645 em 2008, que tornou obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nas escolas, ainda é perceptível a escassa inserção dessas musicalidades, muitas vezes envolta em estereótipos. A palestrante esclareceu que o primeiro registro significativo ocorreu em 1912, quando Roquette Pinto, acompanhado de Marechal Rondon, viajou pelo Mato Grosso, Rondônia e Acre, onde gravaram uma série de músicas dos povos Paresi Hatiti e Nambikwara. Villa Lobos, frequentador do Museu Nacional na época, teve a oportunidade de ouvir essas gravações, que o influenciaram profundamente. Ele utilizou essas melodias indígenas como base para criar diferentes obras, incluindo corais, sinfonias, poesias sinfônicas e para voz e piano, estabelecendo um processo contínuo de apropriação cultural. Embora ele já tivesse como referência a primeira transcrição em partitura de um canto tupinambá, chamado "Canide loune-sabat," feita por Jean de Léry no século XVI, as gravações dos Paresi

realizadas por Roquette Pinto estimularam ainda mais a incorporar melodias indígenas de várias maneiras em suas composições. Em um exemplo notável, Villa Lobos criou um arranjo coral para a melodia dos Paresi chamada "Nozaniná," que foi executado por um coro com mais de quarenta mil vozes em um estádio de futebol, evento subsidiado na época pelo governador Getúlio Vargas. Essas ações tinham um forte viés nacionalista, com a inserção estratégica do elemento indígena para criar uma identidade nacional e promover o patriotismo. Além disso, Villa Lobos estava imerso no contexto criativo do movimento modernista, liderado por figuras como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, que promoviam a apropriação de sonoridades indígenas e africanas com um espírito antropofágico. Oswald de Andrade chegou a afirmar que Villa Lobos estava "deglutindo" a cultura indígena e africana para "reelaborá-las" em produtos de exportação.

A professora Magna esclareceu a questão da apropriação cultural, e acredito que existem milhares de músicas tradicionais indígenas que são exploradas até hoje. E estudar sobre esta parte do curso, me fez lembrar de que a pesquisa científica sobre os povos originários, propagandas de cosméticos com nomes indígenas já tem uma exploração maior nitida de apropriação, o que dificulta na música, é exatamente essa questão de que a Pucci fala, que são anos dessa construção de estereótipo das musicalidades indígenas, e usufruíram da identidade dos povos originários para forjar uma identidade brasileira com o eurocentrismo.

Considerações finais

Durante o desenvolvimento desta pesquisa, aprofundei-me nas práticas musicais indígenas, com ênfase na etnia Terena, no contexto acadêmico da UFMS. Tornou-se evidente que essas práticas estão ligadas a um contexto cultural complexo, entrelaçando-se com rituais religiosos, cerimônias de cura, danças e narrativas que espelham as relações do cotidiano, tanto no âmbito laboral quanto em sintonia com a natureza. A história dos povos indígenas do Brasil, notadamente os Terena, é caracterizada por desafios identitários significativos desde a chegada dos colonizadores. A desestruturação do "kixoku vikeovo", o "modo de viver" dessas comunidades, conforme assinalado por Cunha (2018), gerou um etnocentrismo persistente.

Esta pesquisa buscou, de maneira específica, iluminar os desafios e vivências culturais enfrentados por estudantes indígenas ao ingressarem no ambiente acadêmico. Ao utilizar minha própria memória e experiência como estudante indígena Terena, explorei a organização do trabalho, a integração do pesquisador na investigação, as barreiras enfrentadas e as experiências ao superar obstáculos, incluindo situações de discriminação e desigualdade. O foco da pesquisa abarcou a prática da música e dança tradicional Terena na UFMS e nas aldeias, destacando o significado dessas expressões culturais e documentando o processo de aprendizagem e divulgação tanto no ambiente acadêmico quanto fora dele.

Essas práticas culturais, vivenciadas entre esses dois mundos, não só foram percorridas e relatadas por mim, mas também contribuem de maneira significativa para a visibilidade, reforço e valorização das identidades. A análise crítica da minha própria jornada passada provou ser um método eficaz para coletar informações sobre a gestão das relações e das desigualdades raciais na vida universitária, proporcionando um contraste valioso com o presente a ser estudado. Ao abraçar a autoetnografia, conforme orientado por Santos (2017), essa abordagem foi delimitada a uma seção específica da pesquisa, concentrando-se na reconstrução do cotidiano passado. Isso possibilitou uma análise mais profunda e reflexiva sobre minha experiência pessoal, enquanto simultaneamente contribuía para uma compreensão mais abrangente das questões culturais e identitárias enfrentadas pelos estudantes indígenas na universidade. Em última análise, esta pesquisa sublinha a importância de reconhecer e valorizar as práticas culturais indígenas no ambiente acadêmico,

não apenas como expressões artísticas, mas como elementos fundamentais na construção e preservação das identidades.

Referências

AGUILERA URQUIZA, A. H.; NASCIMENTO, A. C. Rede de saberes: políticas de ação afirmativa no ensino superior para indígenas no Mato Grosso do Sul. Rio de Janeiro: FLACSO, 2013.

AMADO, Luiz Henrique Eloy. Vukápanavo o despertar do povo terena para os seus direitos: movimento indígena e confronto político. Tese de doutorado. Antropologia Social. UFRJ, 2019.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. A História do Povo Terena. Brasília: Ministério da Educação / Universidade de São Paulo. 2000.

CAMÊU, Helza. Introdução ao estudo da música indígena brasileira. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura e Departamento de Assuntos Culturais, 1977.

CASTRO, Iára Quelho de. A celebração da diferença: ressignificação terena de rituais e festividades. Revista Albuquerque, vol.11, n.22, julho-dezembro 2019. p.150-165.

CUNHA, Fátima Cristina Duarte Ferreira. Identidade Terena: a valorização do passado e o olhar para o futuro – estudo relacional de aldeias Terena em Aquidauana e Anastácio. (Tese de doutorado). Programa doutoral em educação artística da Faculdade de Belas Artes. Universidade do Porto: 2018.

FERREIRA, Andrey Cordeiro. ‘Políticas para Fronteira, História e Identidade: A luta simbólica nos processos de demarcação de terras indígenas terena’. Mana, 15(2):377-410, 2009.

FERREIRA CUNHA, F. C. D. A dança do bate pau: uma dança indígena com influência portuguesa?. Abatirá - Revista de Ciências Humanas e Linguagens, v. 2, n. 4, p. 714 - 736, 15 dez. 2021.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas). Censo. Brasília, 2010.

LEI 11.645/2008: Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.

LUIZ FERREIRA, E. M.; LANDA, B. DOS S. Encontros de estudantes indígenas de Mato Grosso do Sul: desafios, protagonismo e interculturalidade no Ensino Superior. Movimento-revista de educação , v. 7, n. 13, 7 ago. 2020.

REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA AS ESCOLAS INDÍGENAS. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

RESOLUÇÃO CEB No 3, DE 10 DE NOVEMBRO DE 1999: fixa diretrizes

nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências.. Fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_99.pdf. Acesso em: 10 nov. 1999.

SANTOS, A.; CUNHA, F.; POLINI, F. Ensino de História Histórias, Memórias, Perspectivas e Interfaces VOLUME 2 2. Acesso em: 31 ago. 2021.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoenografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. PLURAL, Revista do Programa em Pós-graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v. 24.1, 2017, p.214-241.

SEBASTIÃO, L. L. Mulher Terena: dos papéis tradicionais para a atuação sociopolítica. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUCSP. São Paulo, 2012. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais/Antropologia)

Anexo

ASSEMBLÉIA DA JUVENTUDE TERENA – CARTA FINAL

Nós, juventude do povo Terena, estivemos reunidos na nossa 6ª assembleia na Aldeia Mãe Terra, TI Cachoeirinha, nos dias 09 a 12 de fevereiro. Com nossas forças ancestrais, no PASSO DA EMA e com gritos de guerra a nossa juventude retomou nossa assembleia anual depois da pandemia que tanto fez nosso povo chorar por nossos parentes que partiram.

Isso não nos desanimou e nem nos desarticulou! Continuamos ouvindo as demandas de nossas lideranças e vimos a necessidade de ocuparmos espaços e andarmos lado a lado de nossos representantes que já ocupam tantos lugares que antes nos eram negados.

Nesses dias pautamos temas importantes para os caminhos que queremos e iremos percorrer. Nossos anciãos, nossas danças (Hiyokena Kipaê e Siputrena) e a natureza toda, nos ensinaram quais os passos que devemos tomar, como devemos trilhar passos juntos, quais os obstáculos devemos derrubar e como fazer isso.

Na política nos comprometemos a sempre questionarmos quais políticas públicas os nossos representantes governamentais têm dialogado e trabalhado para construir com nossas comunidades. Buscaremos e responsabilizaremos todos aqueles que na morosidade dificultam acesso à água potável em nossos territórios, escolas com suas especificidades, saúde de qualidade, não respeitando nossos conhecimentos tradicionais e tantos outros direitos garantidos à nosso povo.

Nos comprometemos que em nossas organizações tradicionais estaremos ao lado de nossas lideranças, defendendo nosso povo, lutando para nosso bem e de nossas comunidades com o vigor da nossa força jovem e respeitando nossos anciãos e líderes e, ainda mais, suas sabedorias e conhecimentos.

Na educação, diversos do nosso povo, já construíram bons caminhos com muita luta. Mas, continuaremos exigindo uma educação de qualidade!

Nessa assembleia firmamos que buscaremos os responsáveis para que se construa uma escola diferenciada, intercultural e bilíngue onde nossa língua, nossos costumes e nossa cultura seja o centro do conhecimento ensinado.

No ensino superior exigimos ações afirmativas para o ingresso e a permanência de nossos estudantes. Por isso buscaremos meios de que em Campo Grande tenha ao menos uma casa de permanência de estudantes, tendo em vista que muitos de nossos jovens saem de seus territórios e não tem lugar para morar nessa cidade que, também, é território indígena.

Buscaremos, com nosso espaço, que é o Rede de Saberes, juntos de nossos professores e acadêmicos, montar um plano de ação para conscientizar nossos jovens em nossos territórios e aldeias de seus direitos e possibilidades de chegarem no ensino superior e cursarem a área que desejarem com o uso das políticas públicas criadas para a inserção no ensino superior como as cotas, auxílio financeiro e bolsas de estudos nas universidades públicas.

Na comunicação e novas tecnologias, meios que já nascemos inseridos e é parte de nossa juventude, usamos e usaremos como força de nossas lutas. Um de nós disse na nossa assembleia, “nossos ancestrais lutaram com arco e flexa, hoje usamos a caneta e a tecnologia”.

Sobre a gestão de nossos territórios e a proteção ambiental temos consciência de que são uma mesma coisa. Somos parte da natureza, ao cuidarmos de nós cuidamos de tudo que nos cerca, e ao cuidarmos da natureza cuidamos de nós mesmos e de nossa cultura.

Os territórios indígenas em todo o mundo são espaços de proteção do meio ambiente. E afirmamos que os nossos territórios terena são mãe terra protegida no meio de tanta destruição que o agronegócio causa. Nossos territórios estão cercados de desmatamento,

assoreamento de nossos rios e plantação de monocultura. Exigimos a proteção do cerrado e do pantanal, nossa casa, do qual é parte de nós e nós parte deles. A nossa cultura depende da terra e de todos os seres para sobreviver.

Na nossa próxima assembleia da juventude terena nos comprometemos a compartilharmos nossas sementes tradicionais, nosso cultivo e nossos conhecimentos.

Reafirmamos que a defesa de nossos territórios e a demarcação deles é essencial, nossa primeira luta e o que garante todos os outros direitos que elencamos, além de outros. Todas as nossas Retomadas foram para que nosso povo sobreviva. Retomada é vida, só com elas que conseguimos efetivar muitos de nossos direitos, revitalizar nossa cultura.

Demandamos aos órgãos competentes a finalização dos processos de demarcação dos nossos territórios. Nenhum dos nossos territórios terena estão totalmente regularizados.

Dizemos NÃO AO MARCO TEMPORAL e pedimos a retomada do julgamento da Repercussão Geral pelo STF.

Por fim, como vozes que ressoam como resistência elegemos nossos novos representantes sendo Guilherme Figueredo da Aldeia Tereré como primeiro representante e Laren Rodrigues da Aldeia Lalima como segunda representante, além de vários representantes dos territórios.

Somos um povo que está de pé, ocupando todos os lugares, protegendo nossos territórios e dizendo aos povos que avancemos!

Retomada Mãe Terra

Terra Indígena Cachoeirinha

12 de fevereiro de 2023

